



Ordem tenta apurar se remédio para emagrecer está a ser prescrito de forma correta

MOUNJARO Desde que entrou em 2024 no mercado português que a sua comercialização tem vindo a dar nas vistas, embora não seja participado pelo Estado. Na semana passada, e como o DN noticiou, o volume de vendas atingiu mais de um milhão de euros num só dia. Em agosto, aconteceu o mesmo em dois dias. Ordem pede agora informação ao Infarmed. **PÁG. 9**

MAURIZIO BRAMBATTI / EPA



Glex Ignition
Kelsey Young
"Quero em Coimbra mostrar incríveis dados e imagens da paisagem lunar"
PÁGS. 18-19



Democracia
Eleições brasileiras no domingo mobilizam milhares de pessoas em Lisboa, Porto e Faro
PÁG. 13

Manny Maceda
"O CEO atual precisa de compreender muito mais sobre política global do que antes"
PÁGS. 14-15



Parlamento
Chega pede quase tantos inquéritos quanto os outros partidos juntos
PÁG. 6

Emigrantes
Anna Martins, a "filha da concierge" que luta pelos direitos dos portugueses em França
PÁG. 20-21



Editorial

Leonídio Paulo Ferreira

Diretor adjunto do Diário de Notícias

O sucesso de Leão XIV na “filha mais velha da Igreja”

Numa reportagem sobre as centenas de milhares de franceses que no sábado em Paris assistiram ao cortejo do papa pelos Campos Elísios e à missa na Praça da Concórdia, o *Le Monde* destacava a dado momento o comentário de uma das altas figuras da hierarquia católica presentes sobre o impacto desta visita de quatro dias: “na multidão, o Arcebispo de Tours, Vincent Jordy, observou que o ‘fervor’ que se apoderou do país durante a visita do papa Leão XIV ia muito para além dos católicos. Na sexta-feira à noite, no Estádio de Saint-Denis, estiveram também presentes jovens ateus e seguidores de outras religiões. Segundo o prelado, os franceses estão curiosos sobre este papa que resiste a Donald Trump ‘com gentileza’, aborda as principais questões do nosso tempo (inteligência artificial, alterações climáticas) com nuances e mantém uma ‘voz livre’”.

Sucessor de Francisco, de quem é em boa medida um continuador mas com estilo e ideias próprias, Leão XIV conquistou neste pouco mais de um ano de Pontificado uma popularidade que já antes da visita a França tinha sido evidente noutra grande nação católica europeia, a Espanha, onde esteve em junho. Primeiro papa americano, capaz de enfrentar as críticas de Donald Trump sem romper a relação com o presidente dos Estados Unidos, pensador do mundo contemporâneo, indo das alterações climáticas ao impacto da Inteligência Artificial, aquele que se chama Robert Prevost atrai admiração global, mas em França de uma forma especial.

Um ramo da família papal tem raízes francesas, como o apelido revela, e o pai do papa foi um dos militares americanos envolvidos no desembarque na Normandia, o Dia D, 6 de junho de 1944, que levaria à libertação de França e à derrota em menos de um ano da Alemanha nazi na Segunda Guerra Mundial.



EPHRAÏME BRAMATI / POOL

A popularidade de Leão XIV em França merece uma atenção particular dada a relação histórica do país com a Igreja Católica. Em finais do século XV, os reis de França passaram a usar o título de “filho mais velho da Igreja”, uma referência ao batismo de Clóvis, rei dos francos. Independentemente da veracidade histórica da designação, esta tornou-se tão emblemática que já depois da Revolução Francesa passou a ser um atributo do próprio país, passando a França a ser designada como “a filha mais velha da Igreja”, expressão que se pode encontrar proferida por vários papas recentes, assim como por presidentes franceses, caso do general Charles de Gaulle.

É a aparente contradição entre este título de “filha mais velha da Igreja” e o laicismo da República Francesa que torna ainda mais relevante o sucesso da visita

papal. Na missa na Praça da Concórdia, em sinal de respeito pelo laicismo oficial, o presidente Emmanuel Macron (que à chegada acolheu o papa e o recebeu no Palácio do Eliseu) não esteve presente, mas fez-se representar por Brigitte Macron, e entre a assistência esteve também o primeiro-ministro Sébastien Lecornu, assim como o antigo presidente Nicolas Sarkozy e vários candidatos às presidenciais de 2027, entre eles Marine Le Pen, derrotada na segunda volta das duas mais recentes eleições.

Se os números em França dão conta de uma grande quebra da percentagem de batismos a partir da década de 1960, assim como da assistência à missa dominical, por outro lado poderá ser neste país que a ideia de uma Europa crescentemente atea começa a ser desmentida. Numa entrevista há uns meses, o nuncio

apostólico em Lisboa, Andrés Carrasco-Coso, realçava como a ausência de religiosidade entre os europeus podia não corresponder à realidade: “Acho que isso é um cliché. É a ideia que temos, de que deve ser mais ou menos assim. Mas não temos em conta a enorme religiosidade popular. Em determinadas atividades, aparecem até um milhão de pessoas. Mas, sobretudo, não se tem em conta um fenómeno novo dos últimos anos. Principalmente em França, o país mais secularizado. Falo do fenómeno dos batismos de jovens adultos. É um fenómeno que até os bispos franceses acabaram de fazer uma assembleia plenária para estudá-lo, pois surpreende-os. Na Páscoa, há dezenas de milhares de jovens adultos que se batizam após um ou dois anos de preparação. Um novo fenómeno. Porque há um cansaço com tantas outras coisas que não preenchem a vida. Começa a surgir uma procura por algo maior. E isto acontece também porque, para eles, aquela ideia anticatólica que existiu até há algum tempo já não existe. Simplesmente dizem que são católicos. A geração dos pais deles, que provavelmente é a de 1968, já passou. Estas gerações são complexas. Veem a religião como algo interessante.”

Ontem, Leão XIV esteve em Lourdes, um dos grandes santuários marianos do mundo, e outra marca da relação forte, e complexa, entre França e o catolicismo. Hoje, em Metz, o papa aproveitará o seu último dia entre os franceses para falar da Europa, um continente que possui uma inquestionável matriz cristã, também uma tradição laica muito evidente e hoje se confronta, via emigração, com uma diversidade cultural que também é pluralidade religiosa. Tudo temas que não escapam à atenção do Vaticano, que destacou que na missa na Praça da Concórdia participaram 800 mil pessoas, uma prova de popularidade, se não do catolicismo certamente do seu chefe.



Global Media
28.9.2026

Direção Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Nuno Vinha (Diretores Adjuntos), Cecília Carmo e Margarida Vaqueiro Lopes (Subdiretoras) **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Rui Frias **Editor executivo adjunto** Ricardo Simões Ferreira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Alexandra Tavares-Teles, Fernanda Cândia e Leonardo Ralha **Editores** Carla Alves Ribeiro, Nuno Braga e Sofia Fonseca **Redatores** Adelaide Cabral, Amanda Lima, Ana Meireles, Carla Aguiar, Caroline Ribeiro, César Avó, David Pereira, Frederico Bártolo, Isaura Almeida, Luís Reis Ribeiro, Nuno Tibiriçá, Rute Simão, Sónia Santos Pereira, Susana Salvador, Susete Henriques, Tomás Gonçalves Pereira e Vítor Moita Cordeiro **Arte** Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e Susana Gonçalves **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) Margarida Vaqueiro Lopes (Diretora Executiva) **DN Brasil** Amanda Lima (Editora), Nuno Tibiriçá **Fotografia** Reinaldo Rodrigues (Editor), Gerardo Filipe Santos, Leonardo Negrão e Paulo Spranger **Comunicação e Marketing** Sabina Estreia **Redes Sociais** Carolina Lorena **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Frederico Bártolo, Leonardo Ralha, e Luís Reis Ribeiro **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **Diretor Geral Editorial** Filipe Alves **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Sede e Redação** Rua Mouzinho da Silveira, 27, 2.º - 1250-166 Lisboa. **Tel.:** 213187679. **Fax:** 213 187 515; **Publicidade:** 213 187 500. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de dezembro 2025: 6 084 exps.

VISAPRESS
Direitos de Autor Protegidos
apct



Prémio de Fotografia REFLEX **Gestos que Transformam**

Num mundo marcado por crescentes desafios sociais, importa reconhecer quem faz a diferença através da sua dedicação aos outros. Em 2026, as Nações Unidas assinalam o **Ano Internacional dos Voluntários para o Desenvolvimento Sustentável**, destacando o contributo de milhões de pessoas para comunidades mais fortes, inclusivas e resilientes.

Inspirada por esta celebração, a **19.ª edição do Prémio de Fotografia REFLEX** convida à reflexão sobre o tema **"Gestos que Transformam"**, explorando o lado humano do voluntariado e da solidariedade.

Procuramos imagens que revelem quem se dedica aos outros sem procurar reconhecimento. Mais do que documentar ações, pretende-se mostrar o impacto do voluntariado através de histórias de proximidade, empatia e cidadania ativa, evidenciando como pequenos gestos podem gerar transformações duradouras e benefício coletivo.

Candidaturas até 31 de outubro
em www.reflex.com.pt

Promotores:



novobanco

Apoio:





Luís Osório

Reconhecemo-los antes de abrirem a boca

Não é verdade que Portugal tenha apanhado o comboio da Europa na ascensão dos populismos de extrema-direita. Reconheço que o Chega tem feito um impressionante caminho eleitoral, em pouco tempo André Ventura equiparou-se, aproximou-se ou até ultrapassou camaras das neofascistas. Pode e deve estar orgulhoso de o ter feito. Ainda ontem recebia alemães, franceses, italianos, polacos e gregos tatuados de raça pura, e agora já almoça e janta na mesma mesa dos grandes e tem direito à mesma alcatra e a molhar a língua no mesmo Pétrus bebido apenas entre *primus inter pares*. Parabéns, caro André. Reconheço o seu talento, capacidade e inteligência.

No entanto, não estamos lá. É que também nesta aventura revolucionária não acompanhamos a velocidade do progresso global... apesar de parecer o contrário. Repare nas caras dos que representam as cúpulas dos partidos extremistas europeus. Têm um ar simpático, civilizado, cosmopolita. Podiam ser meus amigos, são parecidos com pessoas de quem eu gosto. Se não soubesse que eram racistas e amorais seria capaz de me apaixonar por Meloni, de beber um copo com Bardella, de cantar Smiths num Karaoke em Berlim com Alice Weidel ou Siegmund e até convidaria Abascal para fazer de Chanquete numa sequele de *Verão Azul*. Um dia acontecerá em Portugal, um dia não os distinguiremos, mas não é para já. Nos próximos anos não teremos dificuldade em reconhecê-los mesmo antes de abrirem a boca. No parlamento, na rua e nas redes sociais identificamo-los sem qualquer dificuldade.



OLHAR

Participantes correm em frente ao Kremlin durante a Maratona de Moscovo de 2026. A prova na capital é um dos mais importantes eventos de corrida na Rússia, tendo atraído mais de 60 mil participantes este ano. Os corredores podiam competir na maratona completa de 42,2 km ou na prova mais curta de 10 km. O percurso levou os participantes pelas ruas centrais de Moscovo, passando por marcos icónicos como o Kremlin.

FOTO EPA/SERGEI ILNITSKY



Tabuleiro global Jorge Silva Carvalho

Um oligarca de cada vez

Há uma frase que devia envergonhar Bruxelas mais do que qualquer derrota no terreno. Disse-a Andrii Sybiha, ministro dos Negócios Estrangeiros ucraniano, quando a União Europeia (UE) retirou dois oligarcas russos da lista de sanções no mesmo acto em que a renovava. Chamou-lhe vergonhosa e injustificada, e resumiu o que Moscovo ganhou numa triade: uma sensação de impunidade, a humilhação da União e a divisão entre europeus. Não é retórica. É diagnóstico.

A mecânica explica tudo. As sanções à Rússia têm de ser renovadas, e a renovação exige unanimidade. Vinte e sete votos no mesmo sentido, ou não há sanções. Parece garantia de soberania. É, na prática, um mercado de vetos: quem pode bloquear tudo pode cobrar para não bloquear nada. A França exigiu a saída de Alisher Usmanov, o magnata dos metais, num enredo ligado a cidadãos franceses detidos no Azerbaijão. O Luxem-

burgo, a de Mikhail Fridman, do Alfa-Bank, que lhe move um pedido de indemnização de dezasseis mil milhões de dólares. A Eslováquia, sem surpresa, alinhou com ambos. Nenhum estava a pensar na Ucrânia. A Letónia resistiu pela razão inversa e acabou por abster-se, não sem levar de Paris conversas sobre a dissuasão nuclear francesa. Até a firmeza teve contrapartida.

E isto passou-se já sem o famigerado Viktor Orbán, o "cavalo de Tróia" a quem se atribuía, por comodidade, toda a paralisia europeia. Orbán saiu, o bloqueio ficou. O problema nunca foi um homem. É a regra. E o próprio preço pago, renovar por três anos em vez dos habituais seis meses, é a confissão involuntária de que Bruxelas já não aguentava ir a leilão duas vezes por ano. Esta é a face política da fraqueza. Há outras duas.

A segunda face é financeira. Enquanto a UE mercadejava dois nomes, uma investigação do *Financial Times* mostrava a rede A7, montada por Ilan Shor,

o oligarca moldavo foragido, com o banco estatal da indústria de defesa russa. Terá feito passar quase sete mil milhões de dólares por grandes bancos internacionais, com empresas-fachada e facturas falsificadas. Está sancionada pela União, por Washington e por Londres, e não fez diferença. Sancionar com uma mão enquanto o dinheiro atravessa o sistema pela outra é fechar a porta e deixar a janela escancarada.

A terceira face é industrial, e aponta-nos ao espelho. O *Kyiv Independent* mostrou mais de cinquenta fábricas de armamento russas, a Kalashnikov incluída, a trabalhar com máquinas-ferramenta alemãs e suíças mantidas por uma rede ligada à Suíça. E os destroços de mísseis revelam microelectrónica europeia, que chega por triangulação, via Hong Kong. A Rússia bombardeia cidades ucranianas com armas feitas, em parte, com máquinas e tecnologia nossas.

Três casos, uma raiz. A humilhação tem rosto político na lista amputada. A impunidade tem rosto financeiro e industrial, no dinheiro e nas peças que continuam a passar. A divisão é a raiz de tudo, uma regra que permite a cada capital converter uma decisão comum em moeda de troca nacional.

A maior ameaça à União, hoje, não é o poder russo. A Rússia é uma potência em declínio, com

uma economia em crise e uma dependência crescente da China. A maior ameaça à União é a sua incapacidade de decidir. Moscovo não precisou de vencer batalha nenhuma para celebrar esta semana. Para quê destruir a União, se ela se deixa comprar por partes?

Não defendo abolir salvaguardas nem passar por cima dos Estados. Defendo graduar os assuntos e reservar a maioria qualificada para os fundamentais, a renovação de sanções à cabeça. Mas o essencial é reconhecer que a unanimidade, tal como hoje funciona, se tornou o instrumento da pequenez de decisões nacionais que se sobreponem a interesses maiores. Enquanto as sanções puderem ser renovadas a troco de um oligarca de cada vez, não temos uma política de sanções, temos um leilão. E um leilão não dissuade ninguém.

A guerra que a Rússia trava contra a UE não se decide só nas trincheiras ucranianas. Decide-se na nossa capacidade de fechar a lista, o banco e a fábrica ao mesmo tempo. Por enquanto, fechámos os três a meio. E deixámos, mais uma vez, que Moscovo escolhesse por nós aquilo que não fomos capazes de decidir sozinho.

Analista de Estratégia, Segurança e Defesa



O Mundo Visto do Centro Bernardo Ivo Cruz

Três vozes portuguesas no mundo

Há momentos que dizem mais sobre um país do que muitos discursos sobre a sua importância. Esta semana, três portugueses subiram à tribuna da ONU: António Guterres, no último debate geral do seu mandato como secretário-geral, António Costa como presidente do Conselho Europeu e Luís Montenegro como primeiro-ministro.

Cada um representava uma instituição diferente, mas é difícil ignorar o significado desta coincidência. Com dez milhões de habitantes e sem o peso das grandes potências, Portugal construiu ao longo de décadas, com governos de diferentes cores, um capital diplomático superior à sua dimensão. A eleição, à primeira volta, para o Conselho de Segurança é outra expressão disso.

Esse capital não nasceu de um momento ou de um Governo. Resulta da continuidade de algumas constantes da política externa portuguesa como a opção europeia, a relação transatlântica, a ligação ao mundo lusófono, a abertura à África, à Ásia e à América Latina e a defesa do multilateralismo. É esta combinação que permite a Portugal dialogar com interlocutores diferentes e construir pontes entre eles.

Os três discursos partilham uma leitura do mundo. Guterres alertou para as guerras, as desigualdades, as alterações

“A política externa portuguesa mostra que partidos diferentes conseguem identificar interesses permanentes do país e preservar a continuidade apesar da alternância democrática.

climáticas e uma revolução tecnológica que exige regras globais. Costa afirmou que nenhum país consegue, sozinho, estabilizar o clima, regular a Inteligência Artificial ou construir uma paz duradoura. Montenegro colocou o diálogo e a cooperação no centro da presença portuguesa no mundo.

E convergem numa ideia essencial: defender a ONU não significa defender que tudo fique como está. O mundo que a criou já não existe. Mudaram os equilíbrios demográficos e económicos, surgiram novas potências e apareceram desafios que nenhum dos fundadores poderia antecipar.

Costa defendeu um Conselho de Segurança mais inclusivo e representativo e Montenegro apoiou uma maior representação de África e luga-

res permanentes para o Brasil e a Índia. O multilateralismo não se protege pela imobilidade, mas adaptando as instituições à realidade que pretendem governar.

O mesmo vale para o clima e para a IA, problemas que revelam os limites da soberania isolada. As emissões não respeitam fronteiras e um algoritmo criado num continente pode transformar sociedades noutro. Por isso, Guterres e Costa insistiram numa governação internacional da IA e numa resposta mais rápida às alterações climáticas.

Há também uma última lição, desta vez para dentro. A política externa portuguesa mostra que partidos diferentes conseguem identificar interesses permanentes do país e preservar a continuidade apesar da alternância democrática. Isso não elimina o debate, mas permite distinguir aquilo sobre que devemos discordar daquilo que podemos construir em conjunto.

Por que razão essa capacidade é tão visível lá fora e tão rara cá dentro? A demografia, a produtividade, a habitação, a educação, a saúde, a transição energética, a IA e a sustentabilidade da Segurança Social são desafios que sobreviverão a vários governos. As soluções podem e devem ser discutidas e as diferenças ideológicas são legítimas.

Professor Convidado
UCP/UNL/UE



Cartão azul Ana Miguel Pedro

Um carvalho de Vimy em Estrasburgo

O discurso de Mark Carney no Parlamento Europeu, a 17 de setembro, não começou pelo comércio nem pelos tratados, mas por uma árvore: o carvalho de Goethe, no monte Ettersberg, perto de Weimar, onde o poeta passeava e que o século XX acabaria por fechar atrás do arame farpado de Buchenwald. E citou, em alemão, o final do Fausto: só merece a liberdade e a vida quem as conquista todos os dias.

Depois atravessou o Atlântico. Em 1917, na batalha de Vimy, que os canadianos consideram o seu baptismo como nação, o tenente Leslie Miller apanhou um punhado de bolotas no campo devastado e plantou-as no Ontário. Um século depois, enxertos desses carvalhos regressaram a Vimy. A metáfora, essa, a de que uma árvore sozinha cai na tempestade e uma floresta, de raízes entrelaçadas, resiste.

A tempestade tem nome, mesmo quando não é pronunciado. Carney não referiu Donald Trump, mas descreveu com precisão o mundo em que vivemos: tarifas usadas como pressão, cadeias de abastecimento transformadas em armas, instituições multilaterais enfraquecidas, plataformas tecnológicas que se comportam como Estados. A ordem internacional baseada em regras, que durante oito décadas demos por garanti-

da, deixou de ser um dado adquirido.

É neste quadro que ganha sentido a proposta de Ursula von der Leyen, feita na véspera: fazer do Canadá o primeiro “membro associado” da União. Carney acolheu-a, mas preferiu outra palavra: aliança. Uma aliança por função e não por geografia, em minerais críticos, energia, inteligência artificial, defesa, espaço e pagamentos, com jovens a estudar e trabalhar dos dois lados do oceano através do Erasmus+.

Lembrou aos eurodeputados que, graças à Gronelândia, a Europa e o Canadá partilham três mil quilómetros de fronteira no Ártico. E foi buscar a Goethe a expressão “afinidades electivas”, não somos vizinhos por acaso, somos aliados por escolha.

A ideia, aliás, é antiga. Em 1949, o Canadá bateu-se pelo artigo 2.º do Tratado do Atlântico Norte, ainda hoje chamado “artigo canadiano”, que via a NATO como comunidade

económica e política e não apenas militar. Nos anos 70, Pierre Trudeau lançou a “Terceira opção” para reduzir a dependência dos Estados Unidos, e daí nasceu, em 1976, o primeiro acordo-quadro da Comunidade Europeia com um país industrializado. Meio século depois, o acordo comercial CETA abriu mercados e o Canadá tornou-se o primeiro país não europeu a participar no instrumento europeu SAFE para a defesa.

O alcance jurídico ainda terá de ser definido. O seu significado político é o de aproximar duas democracias capazes de somar recursos e reduzir vulnerabilidades. Para Portugal, país atlântico, esta agenda interessa especialmente na segurança marítima, nos portos, na energia e nas oportunidades para as nossas empresas.

Nada disto significa virar costas aos Estados Unidos. Trump achou a ideia “risível”, mas a relação transatlântica é maior do que qualquer inquilino da Casa Branca, e Carney defende que um Canadá mais próximo da Europa será um parceiro melhor para Washington.

A cimeira de Montreal, em outubro, dirá se as palavras dão fruto. As bolotas estão lançadas. Falta cuidar da floresta. Todos os dias.

Eurodeputada do CDS,
membro da comissão Justiça
e Assuntos Internos.
Escreve segundo o antigo
Acordo Ortográfico

“A cimeira de Montreal, em outubro, dirá se as palavras dão fruto. As bolotas estão lançadas. Falta cuidar da floresta. Todos os dias”.

Chega pede quase tantos inquéritos quanto os outros partidos juntos

PARLAMENTO CPI aos mandatos de Luís Neves na Polícia Judiciária será a terceira que o partido de André Ventura fará avançar de forma potestativa. Mas teve 11 reprovadas nas últimas quatro legislaturas, contribuindo para um aumento destas iniciativas que gera críticas de “banalização”.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A comissão eventual de inquérito parlamentar para a avaliação da intervenção de Luís Neves enquanto diretor da Polícia Judiciária durante todos os seus mandatos (2018-2026) e eventual responsabilidade de membros do Governo que o nomearam e tutelaram, que André Ventura espera ver arrancar antes da discussão do Orçamento do Estado para 2027, será a terceira que o Chega vê aprovada de forma potestativa, usando a prerrogativa de fazer avançar uma iniciativa deste tipo em cada sessão legislativa, possibilitada pelo número de deputados eleitos.

Mas a admissão da comissão parlamentar de inquérito (CPI) que visa esclarecer decisões tomadas pelo atual ministro da Administração Interna, depois de

na anterior legislatura o Chega ter feito, de forma potestativa, a investigação das circunstâncias em que crianças luso-brasileiras tiveram acesso ao medicamento Zolgensma, conhecida por CPI das gémeas, tendo no início da atual legislatura imposto a constituição de uma CPI aos negócios dos incêndios rurais, também é um sinal de que esse partido é o principal responsável por a atribuição aos deputados de poderes de investigação semelhantes aos das autoridades judiciais ter regressado em força à Assembleia da República.

Nas últimas quatro legislaturas, desde que o Chega elegeu o primeiro deputado, em 2019, quase metade das iniciativas para fazer inquéritos parlamentares deveram-se ao partido mais à direita no hemiciclo. Ao todo, apresen-

tou 11 propostas rejeitadas pelos restantes grupos parlamentares, vendo avançar apenas a que resultou da junção com propostas da Iniciativa Liberal e do Bloco de Esquerda sobre gestão política e

Juntando as três comissões de inquérito que foram admitidas de forma potestativa, o Chega apresentou 18 das 39 iniciativas deste tipo a entrarem no Parlamento desde o início da XIV Legislatura.

tutela financeira da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. E teve ainda uma proposta caducada (atuação do Estado na privatização da Efaced), pela dissolução da Assembleia da República, devido à Operação Influencer; uma retirada pelo seu grupo parlamentar (reestruturação do SIRESP); e uma que não foi admitida pelo presidente da Assembleia da República. Justamente a primeira versão do requerimento para a CPI a Luís Neves, com José Pedro Aguiar-Branco a apontar razões legais e constitucionais. Juntando as três admitidas de forma potestativa, o Chega apresentou 18 das 39 iniciativas deste tipo a entrarem no Parlamento desde o início da XIV Legislatura.

Por seu lado, a Iniciativa Liberal, um dos partidos mais críticos da “banalização” das CPI, soma em tal período apenas seis propostas, mas com elevada taxa de sucesso. Não só contribuiu, com o PS e o Bloco de Esquerda, para a CPI às perdas registadas pelo Novo Banco e imputadas ao Fundo de Resolução - o que permitiu a João Cotrim de Figueiredo ter assento nessa comissão, mesmo sendo deputado único -, como viu aprovada comissões à tutela política na gestão do Grupo Efacec e à gestão financeira e tutela política da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, na anterior legislatura, e ao INEM, no início da que está em curso.

Ao contrário do Livre, que até hoje só apresentou uma proposta (sobre resposta a emergências de larga escala, na sequência do “apagão” elétrico), rejeitada pelo PSD, Chega e CDS-PP, o Bloco de Esquerda tem-se destacado nas últimas quatro legislaturas. Além de ser autor de iniciativas que deram origem às CPI do Novo Banco e da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, teve aprovadas em plenário iniciativas sobre a tutela política da TAP e, já neste mês, sobre os exames nacionais.

LEGISLATURAS

XIV (2019-2022)

Então deputado único, André Ventura teve quatro propostas de inquérito parlamentar rejeitadas, sobre “fraudes de Pedrógão Grande”, aquisição de equipamentos de proteção individual para a covid-19, financiamento de campanhas políticas pelo Banco Espírito Santo e o atropelamento mortal na A6 pela viatura oficial do então ministro da Administração Interna, Eduardo Cabrita.

XV (2022-2024)

Mesmo já com 12 deputados, o Chega vê rejeitados seis inquéritos parlamentares (parcerias com associações de russos no acolhimento de ucranianos, credibilidade do relatório anual de segurança interna, gestão da pandemia, ingerência do primeiro-ministro para proteger a filha do presidente de Angola, gestão da TAP, SIS e SIRP), retira outro e vê caducado o da privatização da Efacec.

XVI (2024-2025)

A breve legislatura que trouxe a direita de volta ao poder, com a AD no Governo e o Chega com 50 deputados, permitiu que o partido de André Ventura constituísse a CPI das Gémeas de forma potestativa. E contribuiu para que avançasse a CPI à gestão financeira e tutela política da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, cujo relatório final nunca chegou a ser votado devido a nova dissolução da Assembleia da República.

XVII (2025-)

Esteve longe de ser fácil, na medida em que o primeiro requerimento potestativo não foi admitido pelo presidente da Assembleia da República, mas o Chega viu admitida a CPI aos mandatos de Luís Neves à frente da Polícia Judiciária, como já tinha feito com a CPI aos negócios dos incêndios rurais. Mas mesmo tendo a maior bancada da oposição não conseguiu aprovar uma CPI para apurar eventuais responsabilidades de membros do Governo de António Costa, tendo em conta factos investigados na Operação Influencer.



REINALDO RODRIGUES

Bancada do Chega tem sido a mais ativa nos inquéritos parlamentares.



Alfredo Maia, deputado do PCP, diz que as compensações devidas aos trabalhadores “são também benefícios para as empresas”.

PCP quer garantir subsídio de refeição no privado

INICIATIVA Para responder ao que considera serem “discriminações” para as quais “a lei não dá resposta”, os comunistas querem que o subsídio de refeição, só obrigatório na função pública, seja alargado ao setor privado.

TEXTO VÍTOR MOITA CORDEIRO

O PCP avançou com um projeto de lei que tem como objetivo instituir a obrigatoriedade do subsídio de alimentação no setor privado, argumentando que a ausência deste direito no Código do Trabalho gera desigualdades, afetando cerca de 1,7 milhões de trabalhadores que não recebem este apoio. Trata-se de “uma compensação em função da prestação efetiva de trabalho, por isso é que só é devida nos dias em que o trabalhador trabalha”, esclarece ao DN o deputado do PCP Alfredo Maia, acrescentando que o valor igual para todos garante “a mesma condição à partida para assegurar essa despesa”, independentemente do salário auferido.

A proposta estabelece como re-

ferência mínima o valor pago na administração pública – atualmente 6,15 euros por cada dia trabalhado – e determina que a atualização futura do montante fique indexada às revisões aplicadas aos trabalhadores do Estado.

Para o PCP, esta solução assegura previsibilidade e impede que o subsídio fique dependente de decisões discricionárias das entidades patronais. O partido sublinha ainda que o subsídio de alimentação “não é uma prestação salarial”, mas uma compensação destinada a cobrir o custo da refeição durante o período de trabalho.

Alfredo Maia ressalva que o objetivo do PCP “é sempre o de defender e contribuir para o aumento e para a valorização geral de todos os salários”, motivo pelo qual, lembra, o partido continua

Um fosso entre público e privado

Criado pelo Decreto-Lei n.º 305/77 para atenuar os encargos com as refeições na Administração Pública, o subsídio de alimentação tornou-se um benefício central em Portugal. Contudo, a lei laboral nunca o consagrou como obrigatório no setor privado. Segundo dados do Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), esta omissão legal faz com que cerca de 41% dos trabalhadores por conta de outrem no privado – correspondendo a 1,7 milhões de pessoas – continuem sem receber qualquer apoio para a sua refeição diária, para além do salário.

a “defender o aumento do salário mínimo nacional para os 1.100 euros, mas também o aumento geral dos salários em pelo menos 150 euros”.

Ainda assim, o deputado comunista destaca que “o objetivo de valorização geral dos salários não prejudica a universalização de um direito que tenha uma relação mais direta com a prestação efetiva de trabalho”, que neste caso em concreto se traduz no subsídio de refeição.

Questionado sobre se a eventual aprovação desta medida pode ter um impacto negativo nas micro, pequenas e médias empresas, Alfredo Maia começa por recordar que, neste momento, “nem todas as empresas pagam”.

“Nas pequenas e médias empresas, e mesmo micros, há condições para garantir esta compensação”, assegura, salvaguardando que a proposta comunista “nem sequer” impõe que o valor pago no setor privado pelo subsídio de refeição seja “o valor máximo não tributário”, isto é, 10,46 euros, que é “superior ao que é pago na administração pública”.

Para Alfredo Maia, o valor de referência da função pública acatela pressões sobre empresas, mas deixa margem para que as empresas, “nomeadamente por instrumento de negociação coletiva”, possam consagrar “um valor superior”.

“Entendemos que esta valorização, quer dos salários, quer das compensações devidas aos trabalhadores, em última análise são também benefícios para as empresas, mesmo para as pequenas”, argumenta o deputado, observando que “um trabalhador com melhores condições será sempre muito mais produtivo”.

Rejeitando ter qualquer dúvida quanto a este panorama, Alfredo Maia explica que, “se analisarmos a produtividade do trabalho, cruzando-a com os níveis salariais e com as condições sociais nas empresas, chegamos à conclusão de que elas andam a par”.

“Os níveis de produtividade aparente do trabalho são claramente superiores nas empresas onde as condições salariais e as compensações, nomeadamente como o subsídio de alimentação, são mais elevadas”, garante.

Na iniciativa, o PCP ainda salvaguarda que o subsídio de refeição possa ser pago em espécie, ou seja, sob a forma de mercadorias ou refeições completas no período de trabalho.

OE2027. Governo arranca com reuniões com Chega e PS

O Governo arranca hoje a apresentação das linhas gerais da proposta de Orçamento do Estado para 2027, reunindo com os grupos parlamentares do Chega e do PS – os partidos que podem assegurar a aprovação na generalidade de se um deles votar a favor ou optar pela abstenção.

As primeiras reuniões, em que o Governo estará representado pelo ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmiento, e pelo ministro dos Assuntos Parlamentares, Carlos Abreu Amorim, estão agendadas para as 17h00 (Chega) e 18h00 (PS) desta segunda-feira.

Para amanhã ficam a maior parte das reuniões com grupos parlamentares e deputados únicos. A “maratona” arranca às 10h00, juntando os grupos parlamentares do PSD e do CDS-PP, os que apoiam o Governo de Luís Montenegro, seguindo-se o Livre, às 11h00, e o PCP, às 12h00. Da parte da tarde haverá encontros com os deputados únicos do Bloco de Esquerda, Andreia Galvão (15h00); do PAN, Inês de Sousa Real (16h00); e do Juntos pelo Povo, Filipe Sousa (17h00).

Para o fim fica a reunião dos dois ministros com o grupo parlamentar da Iniciativa Liberal, marcada para as 17h00 de quarta-feira, o que terá acontecido por motivos de agenda.

“Temos a esperança de que este Orçamento do Estado venha a ser viabilizado, para que Portugal continue na sua trajetória ascendente do ponto de vista económico e na estabilidade política que todos desejamos e de que tanto necessitamos”, disse Carlos Abreu Amorim, num vídeo nas redes sociais. **L.R.**



Global Media
GROUP



PODER LOCAL
Codex
Luís Newton

Trotinetes e a Insegurança

As trotinetes e as bicicletas são hoje um excelente exemplo de como se constrói sentimento de insegurança sem que exista, necessariamente, mais crime. Basta atravessar uma rua, sair de um prédio ou caminhar num passeio e perceber que as regras parecem facultativas.

O Código da Estrada não é ambíguo. As bicicletas e as trotinetes equiparadas a velocípedes não podem circular nos passeios, salvo a exceção prevista para crianças até aos 10 anos. Têm de respeitar sentidos de trânsito, sinais e semáforos. Lisboa acrescentou regras próprias para os sistemas partilhados, incluindo limite de 20 km/h e zonas obrigatórias de estacionamento.

As regras existem. E a Polícia Municipal tem competência para fiscalizar o trânsito nas vias municipais. Então porque persiste a sensação de que ninguém fiscaliza?

Talvez a resposta esteja menos na lei e mais na visibilidade da sua aplicação. Quando o cidadão vê repetidamente trotinetes no passeio, em contramão ou a passar sinais vermelhos e raramente vê uma intervenção, começa a concluir não que a regra é insuficiente, mas que é irrelevante.

É nesse vazio que crescem as respostas radicais. O ACP anunciou ter reunido 20 mil assinaturas validadas para promover um referendo sobre a continuidade das trotinetes partilhadas em Lisboa. Isso não significa que 20 mil lisboetas defendam a proibição, mas é um sinal político e social impossível de ignorar. É que quando durante dema-

siado tempo não conseguimos ordenar, começa a ganhar espaço quem prefere simplesmente proibir.

A alternativa existe. E chama-se fiscalização.

Não uma caça às trotinetes, mas uma estratégia permanente de micromobilidade que passa por identificar os locais com mais queixas e acidentes, concentrar aí fiscalização visível, atuar sobre circulação nos passeios, contramão, vermelhos, transporte indevido de passageiros e estacionamento irregular, e publicar regularmente os resultados.

É também aqui que o comandante da Polícia Municipal, José Figueira, pode ter um papel relevante.

O seu percurso inclui comando na PSP, funções de segurança na Presidência da República e experiência de cooperação policial e desde que assumiu a PML, a própria estratégia do serviço que tem implementado, tem colocado a proximidade, a tecnologia, a articulação com a PSP e o aumento da visibilidade policial entre as prioridades.

A sua comissão de serviço decorre até outubro de 2028. É um perfil com experiência diretamente relevante para este desafio e existe tempo institucional para transformar capacidade em resposta concreta e mensurável.

A segurança de uma cidade também se constrói nas pequenas regras do quotidiano. Antes de perguntarmos se Lisboa deve proibir trotinetes, talvez devamos começar por perguntar: já tentámos verdadeiramente fazer cumprir as regras que existem?

Consultor

“
A segurança de uma cidade também se constrói nas pequenas regras do quotidiano. Antes de perguntarmos se Lisboa deve proibir trotinetes, talvez devamos começar por perguntar: já tentámos verdadeiramente fazer cumprir as regras que existem?

Mounjaro. Ordem dos Médicos pede ao Infarmed informação sobre fármaco que emagrece

MEDICAMENTO Desde que entrou em 2024 no mercado português que a sua comercialização tem vindo a dar nas vistas, embora não seja participado pelo Estado. Na semana passada, e como o DN noticiou, o volume de vendas atingiu mais de um milhão de euros num só dia. Em agosto, aconteceu o mesmo em dois dias. Ordem quer saber o que se passa “com detalhe e rigor”.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO e MARGARIDA VAQUEIRO LOPES

Desde que entrou no mercado a 1 de novembro de 2024 que a substância tiezepatida, Mounjaro, não pára de surpreender quanto à sua procura. Dados do Infarmed (Autoridade Nacional da Farmácia e do Medicamento), disponibilizados ao DN, indicam que assim que o fármaco, indicado expressamente para tratar duas doenças, Diabetes Tipo 2 e Obesidade, teve aprovação foram colocadas nas farmácias portuguesas entre novembro e dezembro, 10.689 embalagens para consumo. Em 2025, o total de embalagens postas à venda foi de 434.768, e, nos primeiros seis meses deste ano, já vai em 395.369 embalagens. Ou seja, se se mantiver este ritmo o número de embalagens postas à venda em 2026 pode duplicar em relação a 2025, já que a média de embalagens dispensadas por mês é de 65.895, enquanto que em 2025 foi de 36.231.

Ao DN, o Infarmed sublinha que tais números são referentes “ao número de embalagens colocado nas farmácias comunitárias de Portugal Continental por grossistas/armazenistas” e que não podem ser entendidos como vendas. No entanto, as notícias referentes a este medicamento, o primeiro a estar mesmo indicado para o controlo de peso, o que não acontece com outras substâncias idênticas, são exatamente pelo volume de vendas alcançado e não pelo contrário. Basta referir, e como o DN noticiou a 24 de setembro, o volume de vendas deste fármaco atingiu num só dia mais de um milhão de euros, uma situação que até foi tornada pública pela consultora HMR através das redes sociais como um acontecimento “sem precedentes”.

Foi então que os alarmes soaram na Ordem dos Médicos e, na

Bastonário quer saber se regras estão a ser cumpridas na comercialização e rescrição do pdouto.



tarde de sexta-feira, dia 25, foi enviado um ofício ao Infarmed a solicitar “toda a informação sobre a comercialização da substância, tiezepatida, Mounjaro”, desde que esta entrou no mercado português, confirmou ao DN fonte da instituição. Só que esta não foi a única situação, como já tinha sido confirmado ao nosso jornal por fontes do setor do medicamento, em agosto, o mesmo medicamento atingiu em dois diferentes o mesmo montante, o que, explicaram-nos, poderia estar a “configurar uma tendência no uso da substância” – estará a ser mais usada para tratar a obesidade e o excesso de peso?

“O medicamento está sujeito a receita médica pelo que caberá ao médico prescritor a escolha da terapêutica indicada para os seus doentes”.

O Infarmed relembra que, embora não seja participado, “o medicamento está sujeito a receita médica pelo que caberá ao médico prescritor a escolha da terapêutica indicada para os seus doentes”. Por outro lado, a Ordem dos Médicos, tem “interesse em conhecer todos os dados relevantes à comercialização da tirzepatida, Mounjaro, em Portugal, para perceber a real dimensão da utilização da fórmula e se esta está a ser prescrita de acordo com todas as regras. Até para, eventualmente, e se for o caso, tomar uma posição sobre o assunto”, explicou ao DN a mesma fonte.

Ao DN, fontes do setor do medicamento explicam ser normal que a venda de um medicamento nos primeiros anos a seguir ao seu lançamento aumente. “É o mercado a funcionar”, sublinham. A verdade é que, mesmo estando indicado para o controlo de peso, um volume de vendas da ordem de um milhão de euros num só dia significa que, pelo menos, foram aviadadas mais de 3000 receitas do mesmo medicamento, já que os preços variam de acordo com a dosagem prescrita pelos médicos, que pode ser de 2,5/mg, cujo preço ronda dos 180 euros, ou de 15/mg, com um preço de cerca de 400 euros. Por outro lado, significa também que mais de três mil portugueses gastaram um milhão de euros num só dia na compra de um medicamento para emagrecer, pois este não é participado pelo Estado. Helena Cortez-Pinto, médica gastroenterologista e professora catedrática da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, tinha referido anteriormente ao DN que tal não a “espantava”, porque “desde há muito tempo, que existe o desejo nalgumas pessoas de perderem peso e estes fármacos têm um efeito rápido e eficaz, que se mantêm durante o tempo da toma”, mas alertou para o facto de, e apesar de “ainda não haver conhecimento de qualquer efeito colateral dramático, além de náuseas, vômito ou diarreia, o medicamento não estará isento de riscos ou de efeitos colaterais”. Recorde-se que a substância do Mounjaro, a tirzepatida, estimula a libertação de insulina, reduz o apetite, aumenta a saciedade e retarda o esvaziamento do estômago. A sua aplicação é feita por via injetável, subcutânea, semanalmente.

PSP alvo de arremesso de pedras em festival

Sete pessoas foram detidas no sábado, 26 de setembro, após um incidente que ocorreu durante o encerramento do espaço onde decorreu o Festival Morabeza, em Mem Martins.

Segundo indicou a PSP em comunicado, “um grupo de jovens arremessou pedras aos polícias que se encontravam a apoiar o encerramento do evento tendo sido necessário efetuar uma intervenção por forma a terminar com o arremesso”.

A PSP esclarece que dois polícias foram atingidos pelo arremesso de pedras.

A intervenção das autoridades, através da Divisão Policial de Sintra, resultou na detenção de sete pessoas, cinco delas com idades compreendidas entre os 16 e 18 anos.

Foram ainda identificados mais quatro menores, tendo sido elaborada Participação por Factos ilícitos. Está em curso uma participação no Ministério Público.

O Festival Morabeza celebra a cultura cabo-verdiana, teve uma segunda edição em Lisboa, em maio, e não existiram relatos de alterações com as autoridades nessa altura.



É tempo de esquecer o verão. O outono chegou.

Aguaceiros e trovoadas já se devem sentir hoje

CLIMA IPMA afasta cenário de preocupação por ciclogénese explosiva que atingirá a Irlanda amanhã. Máximas ainda podem ir aos 26 graus.

TEXTO SÓNIA SANTOS PEREIRA E FREDERICO BÁRTOLO

Portugal não vai ser atingido por um “ciclone bomba” na próxima semana.

A garantia foi dada pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) que no sábado, 26 de setembro, esclareceu que está prevista “a ocorrência de uma ciclogénese explosiva durante o dia 29 (terça) mas no Atlântico Norte, a oeste da Irlanda”, a uma distância muito significativa de Portugal.

Em comunicado, o IPMA explica também que o termo “ciclone bomba” vem da expressão inglesa “bomb cyclone”, e que significa um ciclone em intensificação, cuja pressão atmosférica no seu centro diminui muito rapidamente, sendo esse fenómeno normalmente designado na meteorologia como “ciclogénese explosiva”.

O IPMA afasta os piores receios e adianta que, ainda assim, podem sentir-se alguns efeitos em Portugal, provenientes, justamente, dessa realidade no Atlântico Norte.

Hoje, “devido à aproximação do vale depressionário associado a essa depressão, poderão já ocorrer aguaceiros, acompanhados de trovoadas, mais prováveis no inte-

rior durante a tarde”, diz, prevenindo, então, um maior impacto na zona mais continental de Portugal.

Entre a tarde de dia 29 e o dia 30, uma superfície frontal fria associada a esta depressão irá atravessar o continente, originando períodos de chuva, temporariamente mais intensa nas regiões Norte e Centro.

Segundo o IPMA, na região sul, a incerteza na previsão é maior, sendo menos provável a ocorrência de precipitação significativa.

A temperatura irá diminuir face aos valores registados nos últimos dias, embora com as máximas a manterem-se entre 20 e 26 graus nas regiões Norte e Centro e entre 25 e 32°C no Sul.

Agravamento começa no Interior e estende-se depois a todo o país, embora não seja garantido que no Sul se venha a sentir chuva.

Findo oficialmente o verão, continuam a registar-se temperaturas elevadas e ao final desta edição estavam ainda registados sete incêndios, com alguma proporção. Vinte e nove operacionais, apoiados por sete veículos e um meio aéreo, estavam a combater um incêndio rural no concelho da Ponta do Sol, na Madeira, que começou ainda na sexta-feira e que foi perdendo força ao longo do fim de semana.

Ontem, em Braga, Aboim, Fafe e Felgueiras, um incêndio mobilizava 63 operacionais, 11 meios terrestres e cinco meios aéreos e era o mais preocupante em Portugal Continental. Ainda assim, somados os incêndios da Madeira e o do Minho aos de Entroncamento, Silves, Alcobaca, Cantanhede, estavam mais de 300 bombeiros em ação de combate às chamas. Este ano, o período de vigilância florestal tem-se estendido no tempo das temperaturas elevadas e, até ao dia 26 de setembro, registavam-se 330 bombeiros feridos durante o ano e uma clara expectativa de que com chuva e baixa de temperatura fosse possível descansar os operacionais.

BREVES

SETE DETENÇÕES EM OPERAÇÃO EM DISCOTECA

Uma discoteca foi encerrada e sete pessoas foram detidas na madrugada de domingo, 27 de setembro, no âmbito de uma operação especial de prevenção criminal na freguesia da Estrela, em Lisboa. Em comunicado, a PSP explica que foram detidas cinco pessoas por permanência irregular em território nacional, outra por posse de arma proibida, outra por arma de fogo em local proibido. De acordo com a agência Lusa, a operação detetou irregularidades na discoteca Barrio Latino, onde decorria um evento de música brasileira. A PSP elaborou dois autos de contraordenação, por incumprimento dos requisitos de higiene do estabelecimento noturno e por emissão irregular de fatura.

GNR APREENDE EM SETÚBAL VEÍCULOS ALTERADOS

A GNR apreendeu na madrugada deste domingo, 27 de setembro, 17 veículos ilegalmente alterados e impediu a continuidade de manobras irregulares durante uma ação de fiscalização numa concentração de veículos na Estrada Nacional 10 (EN10) em Setúbal. Em comunicado, a GNR indicou que militares da especialidade de trânsito detetaram a concentração, em que vários veículos “apresentavam alterações às suas características e se encontravam a efetuar manobras irregulares”. Além de retirar os automóveis de circulação, a GNR detetou 12 infrações à legislação rodoviária.

Biblioteca nos EUA amplia acesso digital à história partilhada entre Portugal e Brasil

CONHECIMENTO Chama-se Oliveira Lima, fica em Washington e quer ter mais alcance em Portugal, principalmente através da tecnologia. As pessoas hoje, com acesso à internet, podem ter a história ao seu alcance”, explica ao DN Duília de Melo, diretora da instituição. Eventos em Portugal estão a ser planeados para que mais pessoas conheçam a biblioteca.

TEXTO AMANDA LIMA

Com mais de 60 mil volumes, a Biblioteca Oliveira Lima quer tornar-se mais conhecida em Portugal. Localizada na Catholic University of America, em Washington, a instituição conta com 102 anos de existência. “As pessoas não se dão conta da riqueza da biblioteca até entrarem e começarem a refletir sobre a importância deste acervo”, começa por dizer ao DN Duília de Melo, diretora da entidade.

O acervo foi reunido pelo diplomata brasileiro Manuel de Oliveira Lima (1867–1928), um apaixonado pela história do Brasil e de Portugal. Para além de livros, inclui periódicos, panfletos, mapas, folhetos, cerca de 700 manuscritos e obras de arte. “Temos desde documentos históricos até pinturas notáveis do século XIX. São documentos e livros raros, incluindo exemplares dos séculos XVI e XVII, que refletem a ligação Brasil-Portugal. As pessoas ficam verdadeiramente impressionadas quando conhecem a coleção”, destaca a diretora, que é luso-descendente.

Entre os itens contam-se cerca de três mil obras raras, além de crónicas da época dos Descobrimentos portugueses sobre a chegada ao território brasileiro. Com uma aposta na digitalização, o objetivo é alargar o número de leitores, sobretudo em Portugal. “Os portugueses utilizam muito pouco a biblioteca. É outro aspeto que estamos a tentar melhorar, através da divulgação da Biblioteca em Portugal”, explica. A instituição passou também a marcar presença nas redes sociais, divulgando obras e curiosidades, com o objetivo de atrair mais público.

Ao mesmo tempo, a diretora considera que as humanidades, em geral, estão a perder espaço na investigação. “Não é um problema específico da história Bra-



Acervo inclui obras de arte.

sil-Portugal, mas das humanidades em geral. O dever da Biblioteca Oliveira Lima é não deixar cair no esquecimento a herança comum e dar a conhecer a história dos dois países às novas gerações”, sublinha. “Só assim será possível compreender o presente e refletir sobre o futuro de ambos os países, bem como o seu papel na cultura global”, acrescenta.

O livro mais antigo da biblioteca é também o preferido da diretora: Paesi novamente retrovati, de 1507. “Relata as primeiras descrições europeias do território brasileiro. Quando falamos de 1507, sentimos uma grande proximidade às nossas origens, já que o Brasil tinha apenas sete anos de presença portuguesa. É muito marcante para mim, como brasileira e descendente de portugueses, ver, tocar e ler este livro,

“Estamos com um projeto grande para fazer livros de mesa mostrando a coleção. Acho que isso vai fazer a Biblioteca ainda mais conhecida. Além dos livros de mesa, temos também alguns projetos para fazer eventos mostrando itens da coleção, no Brasil e em Portugal”.

escrito em italiano. Não é uma obra exclusivamente sobre o Brasil, mas inclui referências ao território, o que a torna particularmente emocionante”, revela.

Segundo Duília de Melo, nas visitas presenciais predominam investigadores norte-americanos, mas há também brasileiros e poucos portugueses – um cenário que a direção pretende alterar, a par do desafio de chegar às escolas. “Gostaríamos de ser mais utilizados pelas escolas. Os alunos do ensino secundário que realizam trabalhos de investigação poderiam recorrer mais à coleção. Esse é um desafio que ainda não conseguimos superar”, afirma.

Como em muitas instituições culturais, um dos principais obstáculos é a limitação de recursos financeiros. “Temos recursos muito limitados, que são prova-

velmente o maior problema da biblioteca. Com mais financiamento, poderíamos oferecer bolsas de estudo, apoiar investigadores e divulgar melhor a coleção fora do meio académico”, refere.

Apesar do orçamento reduzido, a biblioteca mantém planos ambiciosos, incluindo iniciativas em Portugal. “Estamos a desenvolver um projeto editorial com livros de grande formato sobre a coleção, o que poderá aumentar a notoriedade da biblioteca. Paralelamente, estamos a preparar eventos para apresentar peças do acervo, tanto em Portugal como no Brasil. Os próximos anos serão fundamentais para dar maior visibilidade à Biblioteca Oliveira Lima”, conclui. O acervo pode ser acessado gratuitamente no site www.libraries.catholic.edu/special-collections.

amanda.lima@dn.pt



A Psicologia ao serviço de todos nós

Rute Aguilhas

Crianças demasiado ocupadas para brincar

Muitas crianças vivem dias tão cheios que sobra pouco espaço para simplesmente serem crianças. Saem de casa muito cedo e regressam já o dia vai longo, numa sucessão de escola, atividades extracurriculares e compromissos organizados pelos adultos. Música, inglês, dança, futebol, natação, apoio ao estudo, teatro... entre tudo isto, corre-se de um lado para o outro, lancha-se pelo caminho e olha-se constantemente para o relógio. Como se o tempo tivesse de estar sempre preenchido e como se parar fosse um luxo que já não cabe na agenda.

Mas onde ficou o espaço para simplesmente ser criança?

Vivemos numa sociedade que valoriza a produtividade e a eficácia. Desde cedo, parece instalar-se a ideia de que cada minuto deve ser aproveitado para aprender alguma coisa, desenvolver uma competência ou preparar o futuro. Como se a infância fosse apenas uma sala de espera para a vida adulta.

Talvez seja altura de fazermos uma pergunta incómoda: temos medo do tempo livre das crianças?

O tempo livre confronta-nos com o vazio, com o aborrecimento, com a ausência de pla-

nos. E, no entanto, é precisamente nesses momentos que acontecem algumas das experiências mais importantes do desenvolvimento. É quando não há nada programado que a criança inventa uma brincadeira, cria uma história, constrói um mundo imaginário, resolve um problema ou descobre um interesse genuíno.

Brincar não é uma perda de tempo. É uma das formas mais sofisticadas de aprendizagem. É através da brincadeira que as crianças desenvolvem a criatividade, a autonomia, as competências sociais, a capacidade de resolver conflitos e de regular

emoções. Quando lhes retiramos sistematicamente esse espaço e tempo, estamos a privá-las de uma ferramenta fundamental para crescer.

Há ainda outra questão que merece reflexão. Ao enchemos as agendas das crianças, estaremos verdadeiramente a responder às suas necessidades ou às nossas? Muitas vezes, os horários excessivamente preenchidos parecem refletir mais a ansiedade dos adultos do que os interesses das próprias crianças. Queremos protegê-las da frustração, da espera, do tédio. Queremos que estejam ocupadas, estimuladas, acompanhadas. Queremos sentir que estamos a proporcionar-lhes tudo. E queremos também, quem sabe, ter mais tempo para trabalhar.

Crescer implica também aprender a lidar com o desconforto. Esperar pela sua vez. Tolerar que nem sempre há entretenimento disponível. Descobrir o que fazer quando ninguém organiza o tempo por elas. Uma criança que nunca experimenta

o vazio dificilmente aprenderá a preenchê-lo de forma criativa.

Paradoxalmente, numa época em que tanto se fala de saúde mental, parece haver cada vez menos espaço para a pausa. A infância transformou-se, em muitos casos, numa maratona de compromissos. E as crianças, apesar de pequenas, carregam frequentemente o peso de expectativas muito grandes.

Talvez o desafio não seja oferecer mais atividades, mas oferecer mais tempo. Tempo para brincar. Tempo para estar com os amigos sem objetivos definidos. Tempo para sonhar acordado. Tempo para não fazer nada.

Porque uma infância saudável não se mede pelo número de atividades frequentadas, mas pela qualidade das experiências vividas.

E nenhuma criança deveria precisar de uma agenda para conseguir ser criança.

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

O BANCO DE CÁ

De norte a sul, das ilhas ao interior, somos feitos de pessoas de cá, para apoiar quem cá está.

PUBLICIDADE

Para mais informações:
creditoagricola.pt | [f](#) [i](#) [t](#) [p](#) [v](#) [i](#) [n](#)

Caixa Central - Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, C.R.L. registada junto do BdP sob o n.º 9000

CA
 Crédito Agrícola
 115 anos

Eleições brasileiras no domingo mobilizam milhares de pessoas em Lisboa, Porto e Faro

DEMOCRACIA A maior operação será na capital, onde votam quase 80.000 pessoas e a recomendação é de utilizar transportes públicos, que tiveram pedido de reforço por parte do cônsul-geral Alessandro Candéas. As urnas eletrônicas já começaram a chegar e número deverá estar completo até esta terça-feira. O resultado será conhecido ainda na madrugada.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Falta menos de uma semana para um dos maiores pleitos eleitorais do mundo, que mobilizará milhares de pessoas em Portugal: as eleições presidenciais brasileiras. Em terras portuguesas podem votar um total de 134.797 pessoas, sendo o segundo maior colégio eleitoral no exterior, atrás apenas dos Estados Unidos.

O eleitorado está distribuído em três cidades, Lisboa, Porto e Faro, sendo a capital o local com maior número de votantes. A preparação para este dia ocorre há meses, sendo uma preocupação do cônsul-geral Alessandro Candéas desde que chegou ao posto, em outubro de 2024. “A nossa expectativa é que haja um ambiente de muita organização e tranquilidade. Porque o público é muito grande, eu sempre repito, é comparável a um Maracanã cheio, são quase 80 mil pessoas”, diz em entrevista ao DN Brasil. Esta previsão de organização é resultado das várias medidas que foram pensadas para a votação, como o reforço nos transportes e no policiamento. Nem mesmo o acesso à internet escapou da atenção: foi solicitado às empresas de telefonia que reforcem a capacidade de dados móveis na área da votação. “Como vai haver um acúmulo muito grande de usuários de serviços de internet, também estamos solicitando a empresas de telefonia e de dados de internet, que prevejam um reforço da capacidade de atendimento a demandas que vão surgir na área coberta pelo perímetro dos três prédios de votação”, detalha.

A operação mobiliza mais de 400 voluntários, além da equipe do consulado e funcionários de Brasília que foram destacados para ajudar. Para as pessoas com necessidades especiais, como de mobilidade e visão, haverá funcionários específicos para este apoio, além de os três prédios estarem com estrutura de mobilidade.



Tecnologia inovadora da urna eletrônica permite resultados rápidos.

Sobre as urnas eletrônicas, uma parte já está no país e as demais chegam esta terça-feira, totalizando mais de 250 urnas para as três cidades, além das chamadas urnas de contenção, caso algum dispositivo apresente problemas. No Porto são 62 seções eleitorais e 248 mesários e em Faro 21 seções e dezenas de mesários. Assim como na capital, uma operação logística foi preparada para que nestas duas cidades a votação também ocorra de forma organizada.

Perfil do eleitorado

Segundo os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Portugal tem 134.797 eleitores brasileiros aptos a votar nas eleições de 2026, um crescimento de 481,5% em relação a 2010, quando havia 23.182

eleitores inscritos no país. Do total, 57% são mulheres e 43% homens. Há 964 pessoas com deficiência, correspondendo a 0,72%



O DN Brasil é uma seção semanal e um site do Diário de Notícias dedicada à comunidade brasileira que vive ou pretende viver em Portugal. Os textos são escritos em português do Brasil.

do eleitorado. Quanto ao estado civil, 55% são solteiros, 34% casados, 6% divorciados, 1% viúvos e 0% separados. Em relação à escolaridade, 30% têm ensino médio completo e 30% possuem ensino superior completo.

Em 2022, Portugal tinha 80.709 eleitores e foram instaladas 104 seções eleitorais, com 363 mesas convocadas. Compareceram às urnas 37.501 eleitores, o equivalente a 46,46% do eleitorado, enquanto 43.208 (53,54%) se abstiveram. Dos votos, 36.337 foram considerados válidos (96,90%), 597 foram brancos (1,59%) e 567, nulos (1,51%). Na votação para Presidente da República, Lula recebeu 64% dos votos válidos e Jair Bolsonaro, 36%.

amanda.lima@dn.pt

ORIENTAÇÕES

DIA, LOCAIS E HORÁRIO

O pleito está marcado para domingo, 4 de outubro, em três cidades, Lisboa, Porto e Faro. Na capital serão três prédios da Universidade de Lisboa, nos prédios da reitoria, faculdade de Letras e faculdade de Direito. No Porto, o local escolhido foi o Instituto Superior de Engenharia do Porto, enquanto em Faro será no prédio do consulado. A votação segue o horário local, ou seja, de Lisboa, não de Brasília. As pessoas podem votar a partir das 8:00 até às 17:00.

COMO SABER A SEÇÃO?

A consulta ao local de votação pode ser feita pelo aplicativo e-Título ou pelo site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em Lisboa, onde as seções eleitorais estão distribuídas por três edifícios, é especialmente importante verificar antecipadamente o endereço exato da votação. O Consulado-Geral do Brasil em Lisboa também disponibiliza um chatbot gratuito que ajuda o eleitor a encontrar a sua seção eleitoral.

O QUE LEVAR

O eleitor deve apresentar um documento oficial brasileiro com fotografia, como passaporte, RG ou CNH. Também é possível usar o e-Título, desde que o aplicativo esteja atualizado e tenha a fotografia do eleitor.

Manny Maceda

“O CEO atual precisa de compreender muito mais sobre política global do que antes”

ESTRATÉGIA Numa rara presença em Lisboa, o chairman global da Bain – uma das maiores consultoras estratégicas do mundo – falou com o DN sobre o campo de minas atual que as empresas têm de navegar. Com riscos para todas, mas com oportunidades para as mais corajosas ou perspicazes. A nova “ordem pós-global”, como diz Manny Maceda, também está a forjar um novo tipo de CEO: forçosamente mais atento à política mundial e local, com competências acrescidas no lobbying e mais versado na tecnologia.

TEXTO NUNO VINHA

Quais são os principais problemas que, hoje, levam as empresas a procurar a Bain?

O Nuno enquadró a questão como problemas, o que é, penso eu, talvez uma das razões pelas quais as empresas nos procuram com tanta frequência. Mas a verdade é que vêm ter connosco tanto pelos problemas como pelas oportunidades. Todas as empresas jogam tanto ao ataque como à defesa. E, durante tempos complicados no mundo, muitas das nossas decisões não sabemos se são jogadas ofensivas ou defensivas porque existem vantagens e desvantagens.

Também depende dos setores. Alguns são mais virados para o risco do que outros...

Sim. Existem partes do mundo que estão a sair-se muito bem. E existem indústrias que estão a ter um excelente desempenho. O nosso negócio está a correr muito, muito bem. E pode questionar-se se somos anticíclicos ou não. Porque, se nos definirmos assumindo que as empresas nos contratam mais quando há problemas, isso por vezes é verdade. Mas também nos contratam quando existem oportunidades. Portanto, o que acontece é que a incerteza cria, de facto, muita procura de negócio. Ou seja, uma versão mais abrangente

de da sua pergunta seria: no que é que estamos a trabalhar com os nossos clientes. E não se trata apenas e puramente de resolução de problemas. Penso que são as grandes questões que se passam no mundo, sobre as quais provavelmente já escreveu várias vezes. **Vamos a elas.** Normalmente destacamos quatro pontos, e depois podemos subdividi-las em muitas partes: a ordem pós-global, a IA, a energia e o custo de capital. Essas quatro pontos, neste momento, estão em alta em termos das suas implicações para as escolhas estratégicas das empresas. E provavelmente a coisa mais interessante é a interação entre os quatro.

“Antigamente, como gestores, não precisávamos de nos questionar como países - e não apenas como empresas - de quem é a tecnologia que devo utilizar. Devo usar tecnologia americana ou tecnologia chinesa?”

Como é que as empresas e as decisões estratégicas estão a ser influenciadas pela mudança na ordem global?

Bem, durante grande parte do meu percurso profissional, caminhávamos para um mundo global e sem atritos. Podíamos e devíamos estar em todo o lado. Em que podemos vender em todo o lado. Podemos movimentar talento para todo o lado. Queremos ter talento em Portugal a servir clientes nos Estados Unidos com a nossa tecnologia vinda da China ou da Alemanha. O grande objetivo era tornar o processo livre de atritos. Podíamos ter um miúdo de Manila a tornar-se CEO de uma empresa americana. E tudo isto representa a ordem global. Uma ordem que está agora, realmente, fraturada e polarizada. E, assim, todas as nossas decisões sobre onde fabricamos um produto, onde vendemos os nossos bens e serviços e onde o gerimos com o nosso talento já não se baseiam no modelo teórico. Onde fica o melhor lugar do mundo?

Levar em conta as tarifas e as restrições.

As tarifas, a segurança, o alinhamento da mobilidade. Uma empresa que investisse em energia eólica e solar nos Estados Unidos sob a administração Biden bene-

ficiaria daquilo que foi chamado de Lei de Redução da Inflação, uma lei com um mau nome, mas que foi, na verdade, um enorme programa de incentivos à energia sustentável. Era uma boa ideia fazê-lo, tirar partido desses incentivos. Não se esperava que quatro anos depois esse programa fosse retirado devido a uma mudança na liderança da nação. É um exemplo de como as empresas têm de ser muito mais intencionais e compreender tanto as vantagens como as desvantagens.

E a segunda tendência, a IA?

Na IA, antigamente estávamos apenas a decidir qual era o potencial desta tecnologia. E, como empresas, todos passámos por décadas de escolhas de investimento em tecnologia para aumentar a produtividade da empresa e das nossas pessoas. Investimos em coisas como computadores, cloud, telemóveis, sistemas de software empresarial. E, como é óbvio, continuamos a fazê-lo. O que acontece é que esta tecnologia em particular - e falo como alguém que passou toda a sua carreira na Bay Area de São Francisco - tem uma taxa de adoção muito mais acentuada do que qualquer outra no passado, e tem implicações muito mais significativas na mudança daquilo que as

pessoas realmente fazem, por oposição às tecnologias anteriores que apenas tornavam o trabalho mais rápido e mais produtivo. E isso, por si só, indicaria que é uma grande tendência. Mas se combinarmos isto com o tópico número um, temos coisas como a IA soberana e a soberania.

Vamos a nível ainda mais macro.

Antigamente não precisávamos de nos questionar como países - e não apenas como empresas - de quem é a tecnologia que devo utilizar. Devo usar tecnologia americana ou tecnologia chinesa? E o que é que isso significa? E podemos ter um diálogo longo sobre a escolha de utilizar tecnologia chinesa no passado. Se estivermos no setor das telecomunicações e tivermos optado pela Huawei, quando antes usávamos Alcatel e Lucent. Ou mesmo no caso da tecnologia dos veículos elétricos. Agora sim, a tecnologia e a globalização também estão interligadas.

Há um traço comum, ameaça ou oportunidade, a todos esses quatro, que é a palavra dependência. De quem escolhemos ser dependentes? O que é que esse medo da dependência pesa nas decisões de um CEO?

É um bom ponto a destacar, porque provavelmente não era algo em que um CEO se pensasse tanto no mundo antigo. A dependência é o reverso da medalha da consolidação. Poderia olhar para qualquer parte do seu negócio e se consolidasse todo o fornecimento num único fornecedor, essa pode ser a forma mais eficiente de gerir um negócio.

E também a mais perigosa...

Sim. Mas normalmente não pensávamos nas coisas sob o prisma do “E se...?” Porque tínhamos construído negócios em que presumíamos que as regras seriam as habituais. Bem, se este fornecedor tiver o custo mais baixo... Eu sou das Filipinas, portanto um call center em Manila seria a forma mais eficiente e deveríamos fazê-lo. Portanto, o reverso da medalha agora é, como alguns dos nossos clientes dizem, a resiliência. Queremos ter várias opções porque todos nós fomos educados na última década... Temos visto riscos a surgir sem os termos previsto e isso é, mais ou menos, o que todos nós aprendemos. Vivemos a Covid e, de repente, tivemos de fazer negócios sem nos encontrarmos presencialmente. E existem formas de contornar: desenvolvemos tecnologias



Manny Maceda esteve em Lisboa a inaugurar a nova sede do grupo em Portugal, uma das poucas que alberga todas as divisões em que o grupo opera.

como o Zoom e o Microsoft Teams. Decidimos não comprar energia russa e tivemos de encontrar alternativas, a energia do Qatar, em particular o gás natural. Agora todo o mundo está a tentar descobrir qual é a alternativa ao petróleo no Médio Oriente. Portanto, penso que, à medida que as empresas fazem as suas escolhas estratégicas agora, elas têm de ter isso em consideração.

E o que representa isso na vida da empresa?

É preciso planejar melhor os cenários. É preciso antecipar o papel da gestão de risco, tanto a nível da empresa como até a nível do conselho de administração, porque estas coisas podem derubar a empresa. E penso que é aqui que reside o papel da gestão, mas também o papel dos conselhos de administração, no caso

das empresas cotadas. Até que ponto deve a nossa mentalidade ser de proteção contra perdas e de antecipação dos piores cenários em vez de apostar no ganho? Trata-se, realmente, de saber quanto risco se deve assumir. E é aí que os princípios de gestão de portefólio e de diversificação de risco importam imenso. E não se trata apenas de “onde”, trata-se de “quando”, certo? Podemos

olhar para trás para exemplos de investimento que teriam sido decisões óbvias no passado: investimentos ou não nos Estados Unidos? Claro. Porque é um mercado muito atractivo. Bem, o que pensa sobre o investimento nos Estados Unidos nos dias de hoje?

Já entra em linha de consideração o cenário político dos próximos meses e anos.

Temos de ter em conta um governo dos Estados Unidos que, a partir da primeira semana de novembro, ou mais realisticamente de janeiro, poderá ter um tom ligeiramente diferente caso outro partido controle uma ou ambas as câmaras [Senado e Câmara dos Representantes]. A maior parte das nossas decisões de investimento desenvolvem-se ao longo de vários anos. Nenhum de nós sabe – eu não faço ideia – quem será o presidente dos Estados Unidos em 2028. No antigo sistema, isso não importava muito. E todos aprendemos nos últimos dez anos, com Trump Um, com Biden e Trump Dois, que algo como saber “quem é verdadeiramente o presidente” é algo que importa. E podemos ter o mesmo debate noutras partes do mundo. Mas no caso da China, bem... eu mais ou menos sei quem será o presidente da China até ao dia em que ele morrer.

Como é que estes fenómenos estão a moldar o CEO moderno?

Tudo isto é agora relevante para as empresas, de uma forma que antes provavelmente não era. E talvez haja diferenças consoante as regiões do globo, mas nós perguntamo-nos: o nosso cliente mais comum é o Chief Executive Officer (CEO) de uma empresa, e quais são as capacidades de um CEO? Que experiências, que competências e que perspetivas eles têm? Houve um tempo em que se diria que, se fôssemos o CEO de uma empresa capitalista com fins lucrativos que não fornecesse governos de forma significativa, não precisaríamos de ser altamente sagazes em coisas como competências de influência política. Bem... consoante o setor da indústria, isso é mais ou menos verdade. Mas influenciar legislação, influenciar regulação...

Fazer lobbying...

Sim, lobbying. Eu tenho duas pátrias, porque cresci em Manila. Para ser bem-sucedido nos negócios em Manila, é bom que tenhas essas competências. Tendo crescido nos EUA, muitas vezes podíamos ignorar isso. Bem, isso já não é

verdade nos EUA. Portanto, agora podemos traduzir este diálogo para o que os CEO precisam de nós e para aquilo que nós fornecemos, mas também para quais são as competências de liderança. O CEO atual precisa de compreender muito mais sobre política global do que antes. Precisam de compreender muito mais de política local também. Precisam de ter uma compreensão muito mais profunda acerca de tecnologia. Antigamente, a adoção de um fornecedor específico de ERP (software de gestão da empresa) seria uma tarefa delegada no Chief Information Officer (CIO).

E como é agora?

Agora tem de se ter uma visão informada sobre a forma como isso altera o modelo de negócio da empresa. Em termos de energia e custo de capital. Tudo isto costumava ser delegado – “isso é um problema do CFO” ou “isso é tarefa da cadeia de abastecimento”. Agora faz tudo parte da equação de decisão.

Pode dar um exemplo prático?

Um dos nossos clientes em Espanha é um cliente industrial muito tradicional. E teve um negócio muito simples nos últimos 50 anos: comprar metal, processá-lo e vendê-lo. Tem fábricas nos EUA, no Canadá, em França, em Espanha, na África do Sul e na Argentina. Abastece matéria-prima para a indústria de energia solar. A pressão e os desafios que tem hoje não têm nada a ver com o que era há dez anos. Hoje, ter uma agenda geopolítica é fundamental. Ele tem de entrar na agenda política nos EUA para perceber se o seu produto está ou não na lista de materiais críticos e se terá apoios. Depois, no Canadá, precisa de compreender a relação do com os EUA. Simultaneamente, está a ser atacado por importações baratas vindas da China, da Índia e do Cazaquistão. A sua prioridade número um ao longo do último ano foi fazer lóbi junto da Comissão Europeia, algo que não é facilmente aceite na Europa, porque essas importações desleais estão basicamente a dizimar toda a sua operação europeia. Ao mesmo tempo, tem de gerir problemas de abastecimento de energia e de pessoal na África do Sul e na Argentina. Há cinco anos, quando começámos a trabalhar com ele, falávamos sobre custos operacionais e capital. Nenhum dos tópicos que abordávamos com ele há cinco anos está no topo das prioridades de hoje.



Infinito
Sofia Santos

A tempestade e o Plano de Adaptação da empresa

Quando uma tempestade destrói o telhado de uma fábrica, o custo da reparação é fácil de contabilizar. Mais difícil é medir os dias sem produção, as encomendas perdidas, os fornecedores que deixam de receber e os trabalhadores cujos rendimentos ficam ameaçados. O prejuízo começa no edifício, mas propaga-se pela cadeia de valor e pela economia local.

É esta dimensão que falta incorporar na avaliação dos novos riscos financeiros. Um evento climático pode interromper transportes, encarecer matérias-primas e reduzir a produtividade; a degradação dos solos ou a escassez de água podem comprometer a agricultura e a indústria alimentar; e a vulnerabilidade social pode amplificar estas perturbações.

O calor afeta a saúde de quem trabalha ao ar livre, enquanto as famílias com menos recursos têm me-

nor capacidade para se preparar e recuperar após uma catástrofe. Clima, natureza e condições sociais não surgem em compartimentos separados na vida das pessoas nem no funcionamento das empresas, embora continuemos a analisá-los como riscos independentes.

Perante esta realidade, um conselho de administração deveria perguntar de que condições depende a continuidade da atividade, onde estão as vulnerabilidades e quem suporta os custos se um elo essencial falhar.

Um plano de adaptação climática permite transformar estas perguntas em decisões de gestão e investimento. Deve começar por identificar instalações, trabalhadores, fornecedores e rotas logísticas expostos a cheias, incêndios, calor extremo ou escassez de água, avaliando depois as consequências para a produção, as receitas, os custos e o emprego, no presente e num clima futuro.

A partir desse diagnóstico, é possível definir prioridades: proteger instalações, assegurar o abastecimento de água e energia, diversificar fornecedores, adaptar horários e condições de trabalho e preparar alternativas de produção e transporte. Um plano credível atribui responsáveis, prazos e orçamento a estas medidas, estabelece indicadores para verificar se a exposição está a diminuir e prevê procedimentos de resposta e recuperação testados antes de uma emergência. Deve ainda ser revisto à medida que mudam os riscos e a atividade. O seguro pode absorver parte das perdas, mas não repõe automaticamente clientes, salários ou relações comerciais interrompidas.

Investir antecipadamente em adaptação é, por isso, uma decisão sobre a continuidade e a capacidade futura das empresas manterem o seu negócio.

PhD, CEO da Systemic



O próximo movimento
Bruno Valverde Cota

O seu próximo colaborador não é humano. Sabe liderá-lo?

Imagine a próxima apresentação de resultados da sua empresa. Pode acontecer mais cedo do que pensa. Talvez amanhã. Um analista pergunta ao CEO:

- quantas pessoas trabalham na empresa?
- 300.
- e quantos trabalham realmente para a empresa?

O CEO hesita. Porque a resposta talvez seja 4.700. 300 humanos. 4400 agentes de inteligência artificial a pesquisar mercados, preparar propostas, analisar contratos, responder a clientes, monitorizar equipamentos, escrever código e executar processos enquanto os 300 humanos dormem. A empresa tem 300 empregados. Mas já não tem apenas 300 trabalhadores. Bem-vindos à empresa pós-**headcount**. Uma empresa cuja capacidade já não pode ser medida apenas pelo número de pessoas que emprega. O **headcount** continuará a dizer-nos quantas pessoas trabalham numa empresa. Deixará de nos dizer quanto trabalho essa empresa consegue mobilizar. Parece futuro. Não é.

Um estudo da BCG publicado este ano, envolvendo 11.749 trabalhadores em 14 mercados, concluiu que 47% já passam mais tempo a gerir e dirigir inteligência artificial do que a executar o próprio trabalho. Entre os utilizadores regulares, 42% dizem poupar pelo menos um dia de trabalho por semana. Há aqui uma revolução silenciosa. Passámos anos a perguntar: "Quanto empregos vai a IA destruir?" Talvez tenhamos feito a pergunta errada. A pergunta é: "Quanto trabalhadores vai cada trabalhador passar a liderar?"

Imagine um comercial com cinco agentes digitais. Um procura clientes. Outro estuda concorrentes. Outro prepara propostas. Outro acompanha concursos. Outro analisa probabilidades de venda. Ele continua sozinho no organograma. Mas estará realmente sozinho? Ou passou a liderar uma pequena organização dentro da organização? O mesmo acontecerá com engenheiros, médicos, advogados, gestores e investigadores. O trabalho humano deslocar-se. De executar para perguntar. De produzir para decidir. De procurar para validar. De fazer para fazer acontecer. E é aqui que surge o verdadeiro problema. Estamos a entregar capacidade de execução a

milhões de pessoas sem lhes ensinar liderança.

Na Europa, cerca de um em cada quatro trabalhadores já utiliza IA profissionalmente. Em Portugal, quase 39% das pessoas entre os 16 e os 74 anos utilizaram inteligência artificial generativa em 2025. Mas apenas cerca de 12% das empresas portuguesas com mais de dez trabalhadores utilizavam tecnologias de IA. As pessoas estão a chegar ao futuro antes das empresas. Por isso, precisamos de mudar três coisas:

Primeira: criar uma carta de condução de IA. Ninguém deveria colocar agentes a trabalhar com clientes, contratos ou informação crítica sem saber instruí-los, supervisioná-los e reconhecer quando estão errados.

Segunda: deixar de medir empresas apenas por **headcount**. Precisamos de medir inteligência mobilizada: capacidade humana mais capacidade digital colocada efetivamente ao serviço da organização.

Terceira: estabelecer uma regra que não admite exceções: a execução pode ser artificial. A responsabilidade tem de continuar humana. Talvez esta seja a verdadeira revolução. A IA não está apenas a substituir tarefas. Está a criar uma nova classe de trabalhadores: pessoas que nunca tiveram ninguém sob a sua responsabilidade e que, de repente, poderão dirigir dezenas de inteligências. E isso muda a própria definição de liderança.

Durante mais de um século perguntámos: quantas pessoas trabalham nesta empresa?

Em breve perguntaremos: quanta inteligência trabalha nesta empresa?

E talvez esse "em breve" também esteja errado.

Talvez não seja em 2030.

Nem em 2028.

Nem no próximo ano.

Talvez seja amanhã.

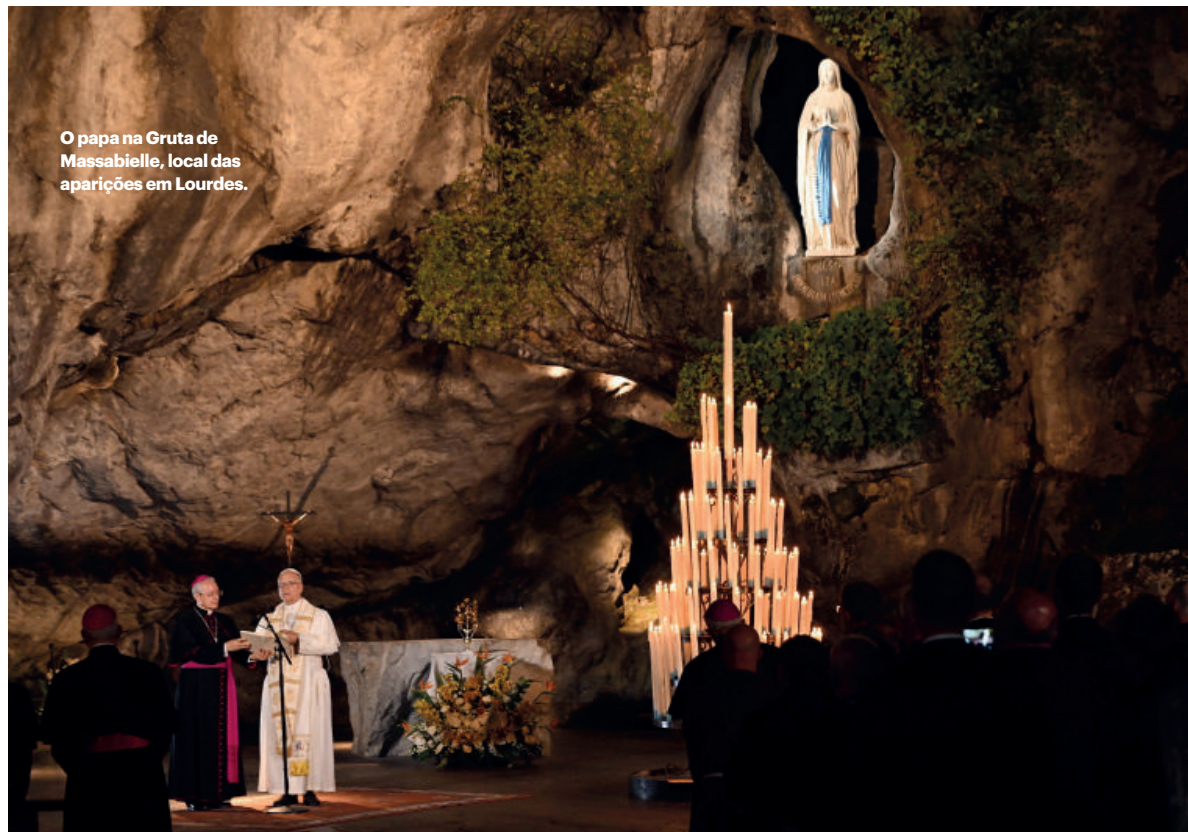
E quando chegar amanhã, o seu próximo colaborador pode não ter nome, salário, cartão da empresa ou sequer ser humano.

Mas haverá uma coisa que continuará a precisar: um líder.

Doutorado em Gestão e executivo internacional

“

Um conselho de administração deveria perguntar de que condições depende a continuidade da atividade, onde estão as vulnerabilidades e quem suporta os custos se um elo essencial falhar. Um plano de adaptação climática permite transformar estas perguntas em decisões de gestão e investimento.



O papa na Gruta de Massabielle, local das aparições em Lourdes.

FOTOS: EPA/MAURICIO BRAMBANTI

Papa apela à “conversão” da Igreja e pede vigilância para abusos sexuais

VISITA APOSTÓLICA No santuário de Lourdes, Leão XIV começou o dia com um encontro com os bispos franceses aos quais falou do “doloroso flagelo do abuso de menores”. Perante profissionais de saúde, condenou a legalização do aborto e da morte medicamente assistida.

TEXTO HELENA TECEDEIRO

Depois da mega-missa da véspera, que juntou mais de 800 mil pessoas na praça da Concórdia em Paris, o papa Leão XIV voltou ontem a presidir a uma homilia, desta vez em Lourdes.

“Perante as correntes atuais que procuram redefinir o valor da vida humana face à doença, ao sofrimento ou à velhice, a Gruta de Massabielle ergue-se como um santuário da esperança cristã. Aqui, nenhuma fragilidade é rejeitada. As vossas muletas, as vossas cadeiras de rodas, as vossas lágrimas escondidas não são obstáculos: são o lugar por excelência onde sois plenamente respeitados, acolhidos e transcendidos pelo amor infinito de Deus”, afirmou o primeiro papa americano numa visita ao santuário mariano, onde já estivera, pri-

meiro como estudante e depois como jovem padre.

Lembrando que encontramos o apelo insistente à conversão nas palavras de Maria, Leão XIV recordou que esta exigência envolve a própria Igreja. “Ela deve ter a coragem de viver essa conversão em primeiro lugar. Para curar as feridas profundas, as infidelidades e os dolorosos desvios cometidos no seu seio, devemos submeter-nos humildemente ao olhar purificador do Senhor”, afirmou.

Palavras que vêm na sequência da mensagem que deixara durante a manhã, num encontro com os bispos franceses. “Nos últimos anos, vocês enfrentaram com firmeza o doloroso flagelo do abuso de menores cometido por membros do clero ou no seio da Igreja. Tomaram medidas corajosas para combater, através da escuta ati-



Novo banho de multidão para Leão XIV, agora em Lourdes.

va, da busca da verdade, da justiça, do perdão, da reparação e de um firme compromisso com uma cultura de prevenção e proteção contra estes crimes”, disse Leão XIV.

Em França, foram identificados cerca de 330 mil casos de abusos cometidos por membros do clero entre 1950 e 2020, segundo uma investigação de 2021, e menos de 2000 vítimas receberam uma indemnização.

Contra o aborto e a eutanásia

Com perto de quatro milhões de visitantes por ano, o santuário de Nossa Senhora de Lourdes foi construído em torno da Gruta de Massabielle, onde, segundo o testemunho de Bernadette Soubirous, a Virgem Maria lhe apareceu 18 vezes em 1858. As aparições foram reconhecidas oficialmente pela Igreja Católica em 1862. Hoje, Lourdes recebe peregrinos de todo o mundo, com especial atenção aos doentes e pessoas vulneráveis.

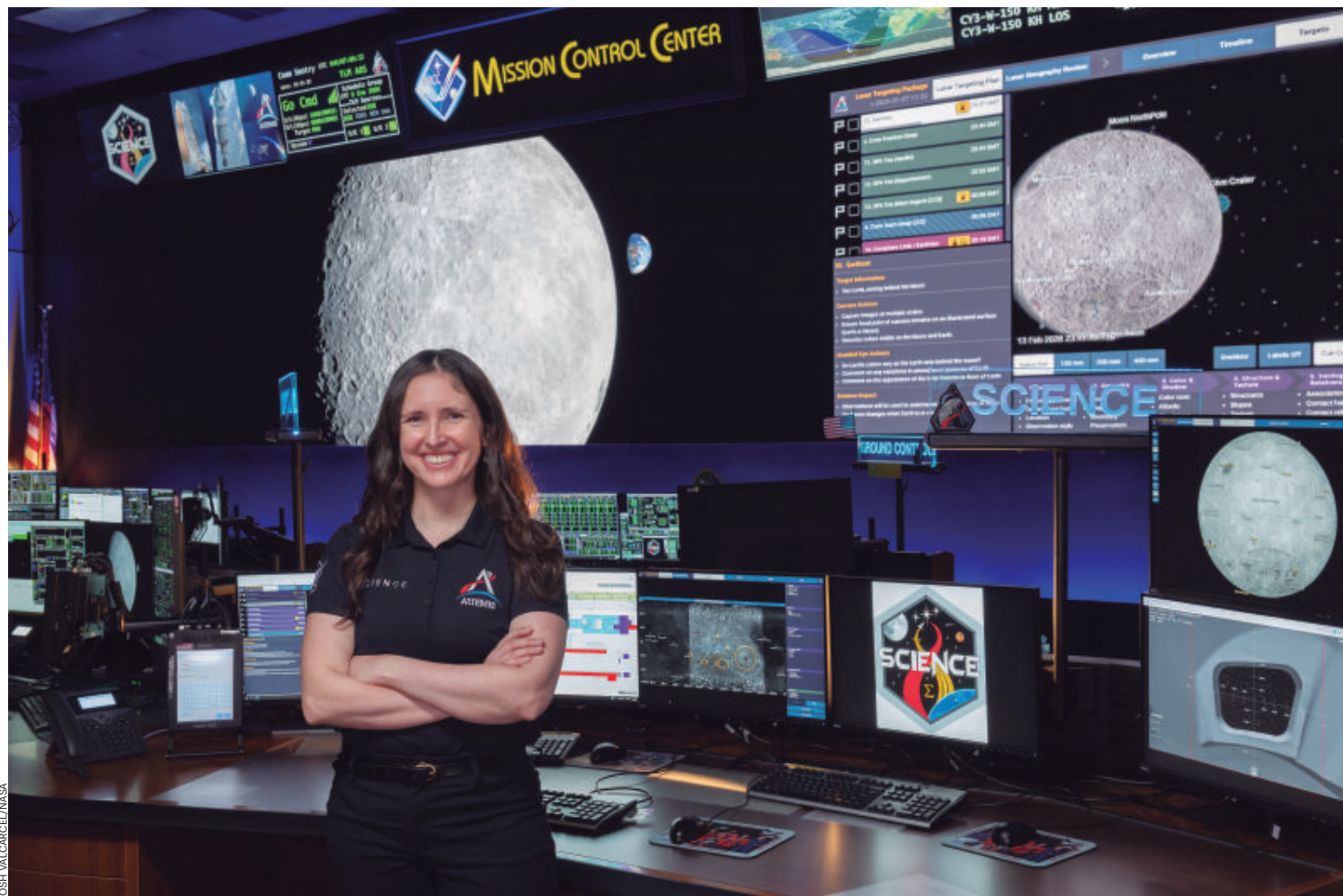
Foi numa visita ao Accueil Notre-Dame, o centro situado no interior do santuário que acolhe e presta assistência a pessoas doentes e idosas, que Leão XIV condenou a legalização do aborto e da morte medicamente assistida. O papa defendeu que “deve ser firmemente rejeitada a tentação de tirar a vida sob o pretexto de uma falsa compaixão”.

Robert Prevost sublinhou que “para aqueles que sofrem de patologias específicas e de dores por vezes terríveis, o horizonte pode parecer sombrio, incerto, sem saída”, no entanto, defendeu que “nenhuma lei deve fazer-nos perder a certeza da dignidade.”

Dirigindo-se aos profissionais de saúde, pediu que recordem o “significado profundo da sua vocação: cuidar de uma pessoa que sofre e não eliminá-la”.

Iniciada sexta-feira em Paris, a visita de Leão XIV a França termina hoje em Metz, cidade situada na região das “três fronteiras”, nos limites da França com a Alemanha e Luxemburgo. Por ali, as fachadas de muitos edifícios históricos ainda conservam sinais da história europeia recente, nas marcas deixadas pelos combates de 1944, testemunho da violência da II Guerra Mundial.

Em Metz, Leão XIV participa num encontro interreligioso e num momento dedicado às “raízes da Europa para a paz e a unidade”. Este é um dos temas desta viagem apostólica, que encerra com uma missa na catedral, antes do regresso do papa ao Vaticano.



JOSH VALCARCEL/NASA

Kelsey Young

“Quero em Coimbra mostrar incríveis dados e imagens da paisagem lunar”

ESPAÇO Cientista da NASA vem a Portugal participar na Glex Ignition, que acontece a 29 e 30 de outubro. Americana conversou por Zoom com DN sobre o seu papel na Artemis II e o contacto com os astronautas.

TEXTO LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Depois do sucesso neste ano da Artemis II está otimista de que em 2028 astronautas estarão novamente a caminhar na Lua?

Com certeza. Estou muito entusiasmada e grata por fazer parte desta visão e do plano da agência para levar os humanos de volta à superfície da Lua, e posso afirmar com toda a certeza que nos estamos a empenhar ao máximo para cumprir este cronograma, este prazo. É um período incrivelmente agitado aqui na NASA, e sei que, juntamente com os nossos parceiros comerciais e internacionais, estamos a levar este cronograma muito a sério e a trabalhar arduamente para alcançar não só esse objetivo, mas também o nosso programa Artemis no próximo ano.

Como foi para si estar no papel de liderança científica durante a missão Artemis II? Foi um momento histórico, com uma primeira forma de regresso à Lua e

muitas descobertas científicas. Para si, foi um trabalho, mas também algo muito emocional?

Quer dizer, meio que acertou em cheio. Sou muito boa nisso, acho que uma das minhas características de personalidade me ajudou imenso, que é a minha capacidade de compartimentação, de manter as coisas separadas na minha mente, o que me permite focar verdadeiramente na tarefa em mãos. E depois, consigo meio que deixar de lado aqueles sentimentos de “uau, isto é incrível”, sabe? Mas certamente que estas duas coisas começaram a juntar-se um pouco. Por exemplo, no dia da passagem pela Lua, lembro-me de entrar na sala de controlo de voo nessa manhã, como já tinha feito várias vezes, e simplesmente entrar e sentir-me completamente diferente dos outros dias. Havia uma energia em toda a sala, como se todos estivessem a sentir o peso, a impor-

tância histórica daquele dia. Diria que todo o processo, uma honra da minha carreira, foi simplesmente incrível. O que realmente me impactou, fez-me pensar “meu Deus, não acredito que isto está a acontecer”, foi falar diretamente com os astronautas, poder ser alguém que estava literalmente a comunicar com a equipa enquanto observavam a Lua, depois de trabalhar com eles para compreender a Lua durante tantos anos. Foi um momento em que é preciso parar, respirar fundo e reconhecer a importância, tanto profissional como pessoal e emocional, de ter esta confiança depositada em mim para o poder fazer num momento tão crítico.

Consegue descrever o seu papel naqueles dias no início de abril?

Sim. Portanto, para a missão, desempenhei duas funções. Uma delas foi a de líder de ciência lunar, responsável por desenvolver e implementar aqueles que acabaram por ser 10 objetivos científicos lunares na missão. Ou seja, como poderíamos utilizar o perfil da missão para atingir estes 10 objetivos. Além disso, liderei a equipa de ciência lunar, que era composta por aproximadamente 60 pessoas de toda a NASA que estavam a apoiar a missão. A minha outra responsabilidade na missão, e esta é uma função que também desempenharei em missões futuras, foi a de líder de operações de voo científico. Nesta função, sou responsável pela integração da ciência lunar e da geologia no controlo da missão, pelo treino da equipa de controlo de voo e pelo desenvolvimento dos nossos novos laboratórios científicos. Implementámos, pela primeira vez na Artemis II, uma nova posição de controlador de voo denominada oficial de ciência. Esta posição é ocupada por cientistas lunares e geólogos com formação em controlo de voo e certificados pelos diretores de voo, tal como todos os outros controladores de voo. E eu sou o líder do grupo responsável por esta consola. E eu era um dos oficiais de ciências, por isso, naquele dia, durante o sobrevoo da Lua, eu era a oficial de ciências na consola do controlo da missão. E também estava ligada ao resto da minha equipa, da qual eu era a líder, que estava no laboratório de ciências.

Os EUA estão novamente a liderar a corrida espacial. Isto é muito importante para o país como um



Kelsey Young coordena cientistas que estudam paisagem lunar.

todo, mas especialmente para a comunidade científica. Está a tentar imaginá-la a crescer nos EUA com Alan Shepard e Neil Armstrong como heróis desde a sua infância. Foi assim?

Absolutamente. Bem, eu era alguém que, em primeiro lugar, lia todos os livros sobre a Apollo, não só de astronautas, mas também da equipa de controlo da missão, que construiu o controlo da missão pela primeira vez para voos espaciais tripulados, Mercury e Gemini. Também gosto muito de ler sobre exploradores terrestres, como Ernest Shackleton, por exemplo. Assim, sempre admirei muito a exploração, seja no espaço, no fundo do oceano ou em partes inexploradas do nosso planeta. Ajudou-me realmente a sentir-me ligada a coisas sobre as quais li durante toda a minha vida e que admirei durante toda a minha vida, e também gerou uma imensa gratidão por poder ser parte, mesmo que uma pequena parte, de algo assim.

Houve algum momento na sua vida em que sonhou ser astronauta?

No início da minha carreira, candidatei-me algumas vezes. Mas nos últimos anos, com o desenvolvimento do projeto Artemis, pude trabalhar não só no Artemis II, mas também, olhando para o futuro, no Artemis III e nas missões à superfície lunar. Estou muito feliz onde estou agora. Já me candidatei antes, quando era mais nova, e agora não me vou candidatar novamente. Estou mesmo muito feliz onde estou. **É possível conciliar uma carreira de cientista com a de astronauta?**

Sim, sim, o grupo de astronautas tem uma equipa incrivelmente diversificada em termos de formação. Claro que temos astronautas com experiência militar, embora nem todos fossem pilotos (embora muitos fossem), alguns eram médicos militares, outros pilotavam helicópteros, outros jatos. Mas também existem muitos outros tipos de formação, como engenheiros, médicos e cientistas. Duas das últimas três formações, por exemplo, selecionaram um geólogo. Temos realmente muita sorte por termos uma equipa tão diversificada em termos de formação, e já trabalhei com a maioria dessas pessoas. Chegam com a sua formação técnica, mas adaptam-se rapidamente a tudo o resto.

Pode explicar como percorreu este caminho até se tornar cientista na NASA?

Na licenciatura, formei-me em geologia, ou melhor, em geociências ambientais, mas era basicamente geologia. Eu estava numa universidade grande, mas num departamento muito pequeno.

“Naquele dia, durante o sobrevoo da Lua, eu era a oficial de ciências na consola do controlo da missão. E também estava ligada ao resto da minha equipa, da qual eu era a líder, que estava no laboratório de ciências.”

Acho que me formei com mais duas pessoas na minha turma, mas, por coincidência, este pequeno departamento tinha dois geólogos planetários incríveis. Literalmente, desde o meu primeiro semestre na faculdade, a primeira vez que tive uma aula e aprendi sobre esta ligação entre explorar a Terra e estudar o sistema solar, já tinha a certeza de que era isto que queria seguir. Também na licenciatura, participei em algumas pesquisas, sabe, pesquisas de licenciatura, em que ia para o terreno num ambiente que se assemelhava, neste caso, a zonas da superfície de Marte. E esta ideia de poder fazer caminhadas, estar no terreno, fazer ciência de campo e ainda assim fazer ciência planetária, motivou-me a candidatar-me a programas de pós-graduação para fazer geologia planetária através de trabalho de campo. E na pós-graduação, logo no meu primeiro ano, consegui uma ligação com o Centro Espacial Johnson, em Houston. Através da formação de astronautas em geologia, acabei por me candidatar a uma bolsa de investigação para financiar o meu doutoramento, o que incluía passar três meses por ano na NASA durante todo o período. Financiar o meu doutoramento e encontrei a minha vocação em operações científicas, procurando maximizar a eficiência científica sempre que possível. Aprendi a linguagem e a cultura das operações, ao mesmo tempo que lhes ensinava a linguagem e a cultura de maximizar a ciência através da ciência lunar e das operações geológicas.

De onde é nos EUA?

Da zona de Washington D.C. Fiz a minha licenciatura em Indiana, na Universidade de Notre Dame, e depois fiz o mestrado e o doutoramento na Universidade Estadual do Arizona.

Vai visitar Portugal para participar no GLEX Ignition em Coimbra. Será a sua primeira vez em Portugal?

Sim, e este país está na minha lista de desejos há muito tempo. Estou muito entusiasmada.

Referiu que durante a sua infância gostava de ler sobre descobertas e exploradores. Lembra-me de falar com alguns cientistas da NASA que sempre mencionavam Fernão Magalhães

e outros navegadores portugueses, como Vasco da Gama. São nomes familiares?

Certamente, sim. Conheço a ligação de Portugal às grandes navegações. Estou ansiosa por aprender muito mais sobre Portugal, especialmente quando estiver aí.

Qual será o tema que vai abordar na conferência GLEX em Coimbra?

Ainda estou a tentar organizar tudo, porque podia falar durante duas horas sobre as operações da missão Artemis, mas não tenho esse tempo [risos]. Assim, penso que o objetivo da palestra é contar a história da integração da ciência nas operações de voos espaciais tripulados, através da perspetiva do Artemis II. Falarei sobre o percurso do Artemis II para ilustrar aquilo a que dediquei a minha carreira: integrar a ciência completamente nas operações de voo. Espero conseguir abordar esta minha paixão pela integração e usar o Artemis como uma lente para contar esta história. Quero definitivamente em Coimbra mostrar alguns dos incríveis dados, imagens e vídeos da paisagem lunar. O problema será controlar o tempo [risos].

Já entrevistei alguns astronautas, incluindo Mae Jemison, primeira afro-americana no espaço. E pergunto-lhe, como cientista e mulher, é importante que um dia haja não só um ser humano de novo na Lua, mas finalmente uma mulher na Lua?

Claro, e eu própria tenho duas filhas pequenas, por isso penso muito nisso. Sobre modelos a seguir para as minhas filhas, independentemente do que elas acabem por escolher para se apaixonar. Uma coisa que vi ter repercussões na comunidade global durante e após a missão foi o facto de a equipa de controlo da missão – não só a tripulação, mas também as pessoas em terra, tanto no controlo da missão como na nossa equipa científica, porque tínhamos imagens da nossa área científica a serem divulgadas – ter muitas pessoas de origens diversas. E isso realmente repercutiu-se na comunidade global com a qual me pude conectar. E não foi uma escolha intencional, escolhemos as pessoas que se enquadraram melhor no trabalho. Portanto, o facto de isto ter tocado as pessoas foi muito significativo para mim, tanto como cientista como mãe de duas meninas.



Anna Martins diante de um mural do general Leclerc, que dá nome à avenida principal de Viroflay, para onde a lusodescendente se mudou há dois anos, depois de conhecer o agora marido.

Anna Martins, a “filha da concierge” que luta pelos direitos dos portugueses em França

COMUNIDADE Presidente da associação Cap Magellan durante dez anos, Anna Martins voltou há dois meses, como vice-presidente. Numa esplanada dos arredores de Paris, falámos das preocupações dos jovens de origem portuguesa e das presidenciais francesas do próximo ano.

Sentada na esplanada do café À La Reine Astrid, na avenida principal de Viroflay, nos arredores de Paris, Anna Martins vai bebendo o seu cappuccino enquanto recorda a infância. “Cresci no bairro 16, um dos mais ricos de Paris. Eu era a filha da porteira. O Ruben era meu vizinho”, recorda a luso-francesa, que durante dez anos presidiu à Cap Magellan e agora voltou como vice-presidente desta associação de jovens lusófonos. O Ruben em causa é Ruben Alves, o realizador de *Santo António*, o *Casamenteiro de Lisboa*, ele próprio filho de uma porteira e de um pedreiro, esse cliché da “concierge e do maçom” que se colou à emigração portuguesa na capital francesa, e que contou há uns anos no seu filme *Gaiola Dourada*.

“O facto de ter crescido naquele ambiente, de ser a rapariga do rés-do-chão, a filha da porteira, criou em mim uma certa revolta”, confessa Anna Martins. Uma re-

volta que não a impedia de ter “muito orgulho em ser portuguesa”, até porque lá em casa “falávamos português, íamos a Portugal todos os anos em agosto”.

Boa aluna, delegada de turma, a filha de transmontanos nunca escondeu a sua origem dos colegas de escola. E se admite que havia algum tipo de discriminação em relação aos filhos dos portugueses – como havia em relação aos colegas filhos de espanhóis ou italianos –, “era mais ligada ao meio social do que à cultura”.

No seu caso, a revolta acabou por fazer nascer uma “vontade de representar as pessoas”. Um espírito de associativismo que, um pouco mais tarde, em 2013 e com apenas 18 anos, a levaram a aceitar o desafio de ser presidente da Cap Magellan.

Tudo começou dois anos antes, em 2011, quando Carlos do Carmo vai ao liceu onde Anna estudava, para uma *masterclass* sobre o fado, que acabara de ser classificado como Património

Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

“O Carlos do Carmo chega, com uma delegação, está no auditório do meu liceu, e a certa altura a minha professora de Português levanta a mão e diz: ‘tenho aqui uma menina que gosta muito de cantar, será que pode?’ E assim acabei a cantar *Lisboa, Menina e Moça* com o Carlos do Carmo a acompanhar”, recorda.

Foi nesse dia que Anna conheceu Hermano Sanches Ruivo, então presidente da Cap Magellan, que dirigiu durante duas décadas, e que integrava a comitiva.

“O Hermano vem ter comigo no fim e diz-me: ‘Estamos a organizar a primeira gala Cap Magellan. A ideia é fazer cantar um artista consagrado com um jovem da comunidade. E estamos a pensar convidar o Pedro Abrunhosa.’ Eu nem queria acreditar. Adoro o Pedro Abrunhosa. E dois meses depois lá estou eu, com a minha viola, a cantar com ele *Tudo o que eu te Dou*”.

Assim começou a relação de Anna Martins com a associação que deve o nome ao afrancesamento de Fernão de Magalhães. “Entro como voluntária, depois passo para o Conselho de Administração e depois chego a presidente”, explica, garantindo: “Eu sempre disse que se não tivesse conhecido a Cap Magellan, eu teria inventado algo como a Cap Magellan”. Porquê? “Era exatamente o que eu precisava. Eu tinha tanta coisa para dizer, tanta revolta interna, precisava de um sítio onde me exprimir e partilhar essa experiência.”

Como presidente da associação (cargo hoje detido por Lurdes Abreu), que no seu *sítio* se apresenta como “agitador lusófono desde 1991”, foram dez anos “de loucura – muitas viagens, muitos eventos, muitas dores de cabeça”.

Foi nesse altura que Anna conheceu o agora marido, Cédric, também ele luso-descendente e a razão de o nosso encontro se dar em Viroflay. Para quem vem de La Défense são meia dúzias de paragens no comboio da Linha L, em direção a Versalhes, mas quando saímos da gare de Viroflay - Rive Droite, o contraste com o moderno bairro parisiense é completa. Por aqui, nada de arranha-céus, e entre vivendas e prédios baixos, mal viramos à esquerda, em frente aos arcos do viaduto de meados do século XIX, deparamo-nos com a Braserie Chez Tony e com a ainda

Cap Magellan: 35 anos de um “agitador lusófono”

“Sinto que já não sou a mãe da Cap Magellan, sou uma espécie de avó”, confessa Anna Martins, com um sorriso. O regresso, há dois meses, para a vice-presidência, da mulher que durante dez anos presidiu à associação de jovens lusodescendentes em França coincidiu com os 35 anos da sua fundação. Nascida em Paris a 24 de novembro de 1991, a Cap Magellan surgiu com o objetivo de promover a língua portuguesa e a cultura lusófona, mas também de acompanhar os desafios de uma comunidade jovem, dividida entre duas culturas. Nestas três décadas e meia, a Cap Magellan desenvolveu iniciativas nas áreas da educação, emprego, cultura e cidadania. Organizou fóruns franco-portugueses, promoveu concertos de artistas lusófonos, campanhas de segurança rodoviária e cidadania, ações de divulgação do ensino superior português e encontros destinados a jovens lusodescendentes. Em 2026, o aniversário da associação que no seu site se apresenta como “agitador lusófono desde 1991” é também uma oportunidade para olhar para o futuro. A programação dos 35 anos inclui a tradicional Gala de Entrega de Prémios, a 10 de outubro na Sorbonne, e o encontro “Geração Europa”, dedicado à juventude lusodescendente, à cidadania europeia e à transmissão da língua e cultura portuguesas.

mais inequívoca Épicerie et Produits du Portugal.

Estamos portanto em terra de emigrantes portugueses, como a conversa com sotaque do norte entre dois habitantes já de certa idade revela. Mas basta uma curta visita ao mercado de Viroflay para perceber que aqui as culturas se misturam, num encontro entre sardinhas, chocos e ostras, na banca do peixe, ou na ausência de tensões entre o Camembert e as chamuças na zona do vendedor libanês.

É num excelente português que Anna Martins explica ter-se mudado há dois anos para Viroflay, onde vivem os sogros. Formada em Direito e com um mes-

trado em Sciences Po, Anna confessa que sonhou durante algum tempo em ser advogada, mas acabou por ser a política a conquistá-la.

Estávamos em 2017, em plena campanha para umas eleições presidenciais que Emmanuel Macron acabaria por vencer, quando lhe oferecem um estágio junto da conselheira de imprensa do também centrista François Bayrou. Mas o que começou como uma experiência tranquila depressa ganhou novos contornos quando Macron faz uma aliança com o MoDem de Bayrou. “Ainda não tinha terminado o mestrado e, de repente, estava a trabalhar 70 horas por semana”, recorda.

Convidada para trabalhar com o ministro do MoDem Marc Fesneau, Anna acabou por passar vários anos em gabinetes ministeriais. E em 2023, após dez anos na presidência da Cap Magellan, sai da associação, num misto de dificuldades em conciliar tudo, receio que a sua exposição pública prejudicasse a associação e o também inevitável cansaço de tantos anos no cargo.

Há dois meses voltou, desta vez como vice-presidente da Cap Magellan, no ano em que a associação celebra o 35.º aniversário da sua fundação. E garante que se muito mudou em três anos, algumas coisas mantêm-se. Sobre tudo a nível das prioridades e objetivos dos jovens luso-franceses, que continuam empenhados em “transmitir a nossa cultura”. Mesmo se a mais recente vaga de emigrantes que chegam a França já têm, muitos deles, características diferentes, constituindo uma comunidade com mais habilitações literárias e preocupações um pouco diferentes.

Mais jovens para a esquerda e mais velhos para a direita

Com as próximas presidenciais em França a menos de um ano de distância (a primeira volta deverá ter lugar em abril de 2027 e a segunda em maio), queremos saber quais as tendências de voto na comunidade luso-francesa. Com base na sua experiência, Anna Martins, de 32 anos, explica que há duas correntes distintas. “Os mais velhos, a geração dos meus pais, estão a virar-se muito para a extrema-direita”. Sobre tudo, acredita, por medo do outro, do que é diferente.

“Há uma tendência natural para ter medo da diferença que é

naquilo que joga a extrema-direita em toda a Europa. Também em França, é o jogo de Marine Le Pen”, refere Anna. Para ela, a candidata do Reagrupamento Nacional (a antiga Frente Nacional) tem sem dúvida “um discurso que seduz. Ela diz exatamente o que muita gente quer ouvir. E joga com esse medo do outro”.

“O facto de ter crescido naquele ambiente, de ser a rapariga do rés-do-chão, a filha da porteira, criou em mim uma certa revolta. [Mas tinha] muito orgulho em ser portuguesa. Falávamos português, íamos a Portugal todos os anos em agosto”.

“Sempre disse que se não tivesse conhecido a Cap Magellan, eu teria inventado algo como a Cap Magellan. Era exatamente o que eu precisava. Eu tinha tanta coisa para dizer, tanta revolta interna, precisava de um sítio onde me exprimir e partilhar essa experiência.”

“Na comunidade [de luso-franceses, uma parte vai para a extrema-direita, uma parte vai para a extrema-esquerda [...]] Não perco a esperança que haja ainda portugueses e lusodescendentes no centro.”

E se antes eram sobretudo os mais velhos a deixar-se seduzir por esse discurso da extrema-direita na comunidade luso-francesa, hoje são cada vez mais os jovens a aderir ao RN. Apesar de ainda haver uma clara tendência para “penderem” para o lado da extrema-esquerda.

Na Cap Magellan, a linha geral é não tomar posições políticas, mas Anna recorda que quando havia eleições, antes da segunda volta, emitiam um comunicado a apelar ao voto republicano, contra a extrema-direita. “Na minha última eleição como presidente da associação houve um jovem de origem portuguesa, que já estava a ter algum sucesso na extrema-direita e que me atacou publicamente, alegando que os jovens luso-franceses não pensam todos assim. Isso marcou-me muito”.

Resume, portanto, desta forma: “Na comunidade, uma parte vai para a extrema-direita, uma parte vai para a extrema-esquerda”. E no centro, quem resta? “Não perco a esperança que haja ainda portugueses e lusodescendentes no centro.”

Mas quem também vem ganhando terreno entre os luso-franceses é a abstenção. De tal forma que há uns anos a Cap Magellan lançou a campanha “Quem vota conta” para incentivar a comunidade a exprimir a sua voz. “Quanto mais nomes de origem portuguesa houver nas listas eleitorais, mais peso teremos junto dos eleitos para, por exemplo, abrir aulas de português”, explica Anna.

Já sobre Emmanuel Macron, considera que o presidente francês “foi vítima de uma certa ingenuidade. É muito idealista.” E admite: “Ainda é muito cedo para julgar a história”.

Então quem será o próximo presidente de França? Sublinhando estar, neste caso, apenas a falar em nome próprio e não da Cap Magellan, Anna acredita que a resposta virá do centro-direita, com Edouard Philippe. “A minha esperança é que Philippe ganhe. Eu trabalhei com a equipa dele. Tem uma equipa espetacular. É o herdeiro de Alain Juppé, que é uma grande figura da direita francesa.”

E reforça: “No momento em que falamos, a melhor solução seria o Philippe. Tem experiência. Foi um bom primeiro-ministro. Geriu bem a covid. Acho que é um homem sério”.

Base aérea em alerta após 5 detidos por infração na lei dos explosivos

REINO UNIDO População foi retirada perto da base de RAF Fairford e a polícia britânica mencionou um “incidente grave”. Em causa está uma possível ameaça de terrorismo.

TEXTO **FREDERICO BÁRTOLO**

A polícia britânica, que inicialmente disse ter detido “vários homens” por suspeita de infração à Lei dos Explosivos na base aérea da RAF em Fairford, precisou ao início da tarde que foram cinco os detidos. Em causa, uma possível ameaça de terrorismo.

Os detetives da unidade antiterrorista que lideram a investigação afirmaram que a polícia recebeu uma chamada sobre três veículos suspeitos que pareciam estar a dirigir-se para a RAF Fairford, no oeste de Inglaterra, nas primeiras horas de domingo.

As forças de segurança não detalharam a nacionalidade dos detidos. Categorizam a situação como “incidente grave”, depois de já no sábado ter havido um alerta da população, que levou a um maior policiamento na zona.

Mais de oito dezenas de casas foram evacuadas nesta base aérea de Gloucestershire, que é utilizada pelas forças norte-americanas. Os residentes foram colocados num centro de lazer nas proximidades e já foi garantido que o primeiro-mi-

Donald Trump afirmou que os cinco suspeitos já estavam há muito tempo a ser investigados pelos EUA e garantiu que o seu objetivo era causar “grandes danos” à base.

nistro, Andy Burnham, está informado sobre o assunto a partir de Liverpool, onde decorre uma conferência do Partido Trabalhista.

A Grã-Bretanha afirmou em julho que as suas forças armadas estavam prontas para qualquer ataque, depois de a Guarda Revolucionária do Irão ter advertido o país, pedindo para que os bombardeiros norte-americanos não voassem a partir de Fairford, afirmando, nesse sentido, que qualquer base utilizada para lançar ataques seria um alvo legítimo.

Inquirido sobre o assunto à chegada a Chicago para um torneio de golfe, o presidente americano Donald Trump afirmou que os cinco suspeitos já estavam há muito tempo a ser investigados pelos EUA. Ouvido pela AFP, Trump garantiu que objetivo era causar “grandes danos” à base.

BREVES

27 MORTOS EM TIROTEIOS NA ÁFRICA DO SUL

Dois tiroteios separados em Joanesburgo e na Cidade do Cabo, na África do Sul, mataram 27 pessoas na noite de sábado para ontem. Segundo a polícia sul-africana, homens armados com espingardas de assalto e pistolas mataram 17 pessoas e fizeram 15 feridos num bar em Wedela, no sudoeste de Joanesburgo, no sábado à noite. Num outro episódio, dez pessoas foram mortas num tiroteio numa loja em Lwandle, perto da Cidade do Cabo, cerca da 01:00 de ontem. Os dois tiroteios acontecem dias após um outro episódio de violência numa festa perto da cidade costeira de Durban ter feito 11 mortos, incluindo uma grávida.

19 MORTOS POR CONSUMO DE ÁLCOOL ADULTERADO

Pelo menos 19 pessoas morreram por consumo de álcool que terá sido adulterado, em dois episódios relacionados no estado indiano de Nagaland, onde a venda e consumo de bebidas alcoólicas é proibida desde 1990. Segundo um relatório da polícia, as mortes registaram-se nos distritos de Tuensang e Mokochung, num espaço de duas semanas, 11 na primeira instância e oito na segunda, em eventos que a polícia relaciona. Segundo as autoridades, a causa da morte deve-se ao consumo de bebidas de forma ilegal, com a presença de metanol, uma substância tóxica que pode provocar cegueira e danos em órgãos vitais, detetada nas análises forenses.

Irão promete castigar Trump e Netanyahu

O Irão denunciou junto das Nações Unidas o impacto humanitário das sanções económicas e financeiras impostas pelos EUA, enquanto as Forças Armadas iranianas garantiram que vão castigar Donald Trump e Benjamin Netanyahu, mesmo depois do fim da guerra.

A representação permanente do Irão junto da ONU em Genebra enviou a mecanismos de direitos humanos da organização um documento sobre as consequências das restrições bancárias e financeiras, sanções secundárias e extraterritoriais e limitações aos transportes aéreo e marítimo impostas por Washington, segundo a agência oficial IRNA.

Teerão sustenta que estas medidas não afetam apenas as relações económicas entre Estados, mas têm consequências para a população devido às restrições aplicadas por bancos, empresas de transportes, instituições de ensino e outros agentes económicos de países terceiros.

A denúncia surge mais de um mês depois de os EUA lançarem a “Operação Pátria Económico”, em paralelo com um bloqueio aos portos iranianos, intensificando sanções para aumentar o isolamento financeiro de Teerão.

Em paralelo, as Forças Armadas iranianas garantiram que não deixarão sem resposta as mortes do líder supremo, Ali Khamenei, de outros altos responsáveis iranianos e de civis. O dia do “castigo” do presidente norte-americano, Donald Trump, e do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, chegará “mais cedo ou mais tarde”, mesmo quando já não ocuparem cargos oficiais, garantiram.



Centenas acampadas em Madrid em protesto pela habitação

A praça Porta do Sol, no centro de Madrid, encheu-se com centenas de pessoas acampadas para pedir medidas para responder à crise da habitação e garantirem que o protesto não tem data para acabar. As tendas,

no coração turístico da capital espanhola, e em frente à presidência do governo regional de Madrid, começaram a ser colocadas no sábado à noite, no final de uma manifestação contra os despejos e a exigir medidas

que protejam os inquilinos e facilitem o acesso a uma casa. A manifestação foi convocada com o lema “nem uma Maricarmen mais” depois do despejo, na quarta-feira, de Maricarmen Abascal, de 87 anos.



Sítios fora do lugar
Diogo Noivo

A mulher que triunfou na ONU

A Assembleia Geral das Nações Unidas não teve grande novidade. Houve quem aproveitasse o palco apenas para se dirigir ao país que governa. Houve quem tomasse a palavra para reforçar linhas de política externa conhecidas de todos. E houve, como sempre, quem defendesse agendas regionais mais ou menos utópicas.

Entre arengas e apelos à paz, quase todos proclamaram ideias universais de difícil aplicação prática. A avaliar pelo reportório e pela coreografia da reunião, o mundo mudou pouco.

Ainda assim, dois personagens sobressaíram, embora por razões opostas. António Guterres fez um discurso de despedida que oscilou entre a frustração e a admissão de derrota. O seu mandato fica marcado pela incapacidade de se entender com a realidade do mundo.

Depois, Delcy Rodríguez, presidente interina da Venezuela, um caso de manifesto êxito. Em grande parte, por algo muitas vezes esquecido nas análises políticas: a importância dos aspectos formais, até cénicos, da diplomacia.

Após anos sob sanções europeias e norte-americanas, a presidente venezuelana pôs sorridente em fotografia oficial com Donald Trump, cuja expressão era de igual satisfação. Com os dedos, Delcy fez o 'V', de vitória, gesto habitual no ex-presidente Nicolás Maduro, capturado e detido por tropas norte-americanas.

O gesto tem sido interpretado como uma poderosa mensagem de tranquilidade dirigida às fileiras chavistas: tudo continua na mesma, sosseguem; até temos o respaldo do presidente dos Estados Unidos da América.

Delcy mostrou uma ductilidade cervical sobejamente conhecida. Passou de ultra do regime, que vociferava contra o "imperialismo yanki" e o "terrorismo do Estado" de Washington, a feliz interlocutora dos Estados Unidos na Venezuela.

Quanto a Trump, sempre mostrou o seu escasso compromisso com a democracia na Venezuela. Nunca quis derrubar o regime, somente encontrar uma liderança mais amena.

Nada disto é novo, é certo, mas nada disto era assumido. A grande novidade

trazida pela fotografia é que, a partir de agora, são pontos assentes e reconhecidos. Sem qualquer incómodo. Aqui, sim, nota-se que o mundo mudou.

A presidente venezuelana protagonizou outro momento onde a *mise-en-scène* também revelou posições políticas importantes. Delcy teve o mérito de destapar a simetria entre o carácter político de Donald Trump e o Pedro Sánchez.

Trump considerou o regime chavista uma séria ameaça à democracia e à segurança regional, arremessando-lhe adjetivos que nunca dirigiu à Rússia, à China ou até mesmo à Coreia do Norte. Mas em Nova Iorque pôs-se satisfeito com Delcy, plenamente consciente da função legitimadora da foto.

Já Pedro Sánchez nunca se incomodou com o regime de Hugo Chávez e Nicolás Maduro. Bem pelo contrário. Esteve, e está, no poder com admiradores confesos da ditadura caribenha. Nos idos de 2020, quando Delcy era *persona non grata* em todas as capitais europeias, um ministro de Sánchez recebeu-a no aeroporto de Madrid, um encontro polémico celebrado com a anuência do Chefe do Executivo espanhol.

No entanto, enquanto decorreu a reunião magna da ONU, Sánchez tudo fez para evitar um encontro com Delcy. Porventura sabedora da falta de vontade do presidente de Governo espanhol, Delcy atravessou a sala e aproximou-se de Sánchez, que, convenientemente, falava ao telefone, para o cumprimentar. O desconforto do presidente de Governo espanhol foi monumental.

A mudança radical nas atitudes de Trump e de Sánchez diz mais sobre a índole política destes dois homens do que sobre a respeitabilidade da mulher que manda na Venezuela. É que, no essencial, o regime venezuelano é o mesmo: autoritário, opressor e ilegítimo.

Com simples gestos, Delcy comprometeu Trump, o farol mundial da direita radical, e delatou Sánchez, o menino bonito do que ainda sobra da esquerda "progressista". Tem, de facto, razões para sorrir.

Político.

Escreve sem aplicação do Acordo Ortográfico.



Arabesco Raulesco
Raúl M. Braga Pires

Marrocos: o PAM ganhou em 2026, as Legislativas que perdeu em 2011 para os "barbudos"!

Exactamente há uma semana, escrevemos, a propósito das eleições que decorreram a meio da semana passada, «Fouzi Lekjaâ, pr. da Fed. Marroquina de Futebol, e recém-sócio dos "autênticos e modernos", reúne condições para a mobilização do voto no seu partido, aumentando a possibilidade de, finalmente, o partido que germinou do Movimento Para Todos os Democratas (2008), do agora conselheiro da "Távola Redonda MVI", Fouad Ali El Himma, "ganhar a eleição de 2011", que perdeu para os "barbudos"!»

Ultrapassado o enigma, "resultado eleitoral", já que projectámos exactamente o que aconteceu, os três primeiros seriam sempre os partidos da coligação governamental, com a possibilidade de uma alternância entre PAM (24,56%) e RNI (16,71%), o que aconteceu, continuando o ISTIQLAL, a terceira força política, com 16,46%.

O enigma seguinte, é vislumbrar quem será o próximo primeiro-ministro, sendo que pode ser, na verdade, uma primeira-ministra!

Em rigor, deverá ser isso que vai acontecer, já que Fatim a Ezzahra El

Mansouri, é a líder do Partido Autenticidade e Modernidade (PAM), vencedor das eleições de quarta 23. Então porque a dúvida?

Não é bem dúvida, é a oportunidade, a sedutora oportunidade, de ter até 2030, um PM ligado à Real Federação de futebol, o já citado Fouzi Lekjaâ, que nos últimos 12 anos, levou um "tiki-taka marroquino", aos palcos mundiais, a partir do 4º lugar, no Mundial do Qatar 2022. O factor futebol/"assunto só para homens", terá neste braço-de-ferro, um veredicto socialmente relevante para o reino!

Vantagens Lekjaâ:

- 12 anos de gestão de excelência, na Federação Marroquina de Futebol;
- Experiência governativa: Ministro-Delegado da Economia, Finanças e Orçamento;

- Principal vantagem: Ligação entre o Palácio/Federação e o Presidente da FIFA. Arregimentar os votos dos delegados africanos, garantirá a reeleição de Infantino, o que garantirá a Final de 2030 em Casablanca!

Vantagens Fatima Ezzahra:

- Ser mulher, ser *Rhamna*, e com 50 anos, já ter um historial de lutas públicas, com avanços e recuos, cuja persistência, agarrou as mulheres marroquinas, que se reveem e confiam, numa modernação de *jeans* e cabelos ao vento;

- Precisamente, esta imagem de uma "Meloni Marroquina", também é irresistível para o Palácio, em período de preparação para os 100 anos do desporto-rei;

- Mohamed VI, também deverá querer manter a tradição, acrescentando que neste caso, daria posse à primeira primeira-ministra em Marrocos, e segunda, no Magrebe, uma tendência século XXI;

- O historial da família Mansouri, de Marraquexe, coloca a "neta do Pashá de Marraquexe", na mesma mesa que o rei e os filhos.

Bon Courage Lalla!

Político/Arabista

Professor do Instituto Piaget de Almada

Escreve de acordo com a antiga ortografia

“

Ser mulher, ser *Rhamna*, e com 50 anos, já ter um historial de lutas públicas, com avanços e recuos, cuja persistência, agarrou as mulheres marroquinas, que se reveem e confiam, numa modernação de jeans e cabelos ao vento é uma vantagem para Fatima Ezzahra.



Vilça confirmou a liderança em Espanha

Vasco Vilça é campeão do mundo e confirma sonho de criança

TRIATLO Triatleta português foi segundo na Grande Final de Pontevedra, vencida pelo australiano Matthew Hauser, e tornou-se no primeiro campeão mundial português de Elite masculina. Ricardo Batista terminou a prova em quarto e conquistou o bronze final.

TEXTO CECÍLIA CARMO

Vasco Vilça sagrou-se este domingo campeão do mundo de triatlo, ao terminar no segundo lugar a Grande Final de Pontevedra, em Espanha, resultado que lhe permitiu confirmar a liderança do ranking e conquistar o primeiro título mundial masculino da história portuguesa. Ricardo Batista, quarto classificado na corrida decisiva, seguiu o terceiro posto da geral e garantiu a medalha de bronze do Mundial, num dia histórico para a modalidade em Portugal.

A prova, disputada na distância olímpica — 1,5 quilómetros de natação, 40 de ciclismo e 10 de corrida — foi vencida pelo australiano Matthew Hauser, campeão do mundo em título. Hauser superiorizou-se a Vilça no sprint final, com ambos a serem

creditados com 1:39.31 horas. O britânico Alex Yee, campeão olímpico, foi terceiro, a quatro segundos, e Ricardo Batista cortou a meta na quarta posição, a cinco segundos do vencedor.

Vilça precisava apenas de terminar entre os cinco primeiros para assegurar o título mundial, independentemente do resultado de Hauser. Fê-lo com autoridade, numa corrida em que se manteve sempre próximo dos principais adversários: saiu da natação a 12 segundos do líder, integrou o grupo dianteiro no ciclismo e chegou à corrida final com Hauser e Ricardo Batista na luta pela vitória. Nos últimos metros, o australiano encontrou uma aceleração decisiva, mas o segundo lugar do português resolveu as contas do campeonato.

O triunfo em Pontevedra é o

Vasco Vilça celebra o título e Ricardo Batista a medalha de bronze, numa confirmação clara de que o triatlo português deixou de ser uma promessa e passou a ser uma potência competitiva no circuito internacional.

ponto mais alto de uma carreira construída cedo e com uma convicção rara. Natural da Amadora, onde nasceu a 21 de dezembro de 1999, Vasco Vilça começou pela ginástica aos três anos e participou no primeiro duatlo aos seis, então em representação d'Os Belenenses. Foi aí que percebeu que queria ser triatleta. Aos 13 anos mudou-se para a Suécia, conciliando os estudos com uma aposta cada vez mais séria na modalidade, e em 2016 passou a integrar o projeto olímpico português.

A progressão internacional foi rápida. Em 2017, Vilça tornou-se campeão europeu júnior e vice-campeão mundial da mesma categoria, resultados que o colocaram entre os nomes mais promissores da nova geração. A confirmação na Elite surgiu em 2020,

quando, com apenas 20 anos, conquistou a medalha de prata no Campeonato do Mundo disputado em Hamburgo, perdendo o título para o francês Vincent Luis por apenas dois segundos.

Esse pódio, alcançado numa época anómala e reduzida a uma única prova devido à pandemia, mostrou que o jovem português podia discutir resultados com os melhores do mundo. Nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, Vilça voltou a confirmar a maturidade competitiva ao alcançar o quinto lugar, uma das melhores classificações portuguesas de sempre na prova individual masculina. Ricardo Batista foi sexto e os dois disputaram ao sprint o quinto posto, antes de integrarem a estafeta mista que também terminou em quinto lugar. Portugal saiu da capital francesa com três diplomas no triatlo, uma demonstração da profundidade competitiva da atual geração.

Em 2025, Vilça deu mais um passo ao terminar o Campeonato do Mundo no terceiro lugar, depois de fechar a Grande Final de Wollongong, na Austrália, em quinto. Foi o primeiro pódio numa classificação anual completa do Mundial e a prova de que já não se tratava apenas de um atleta capaz de resultados isolados, mas de um candidato consistente aos grandes títulos.

A temporada de 2026 consolidou essa evolução. Depois de uma dezena de pódios em etapas do principal circuito mundial, Vilça conquistou em Samarcanda, no Uzbequistão, a primeira vitória da carreira nas World Triathlon Championship Series. Repetiu o triunfo em Alguer, na Sardenha, e somou ainda vários segundos lugares, construindo uma vantagem importante antes da decisão de Pontevedra.

Vilça é o primeiro português a vencer o Mundial de Elite masculino e sucede, no palmarés nacional, a Vanessa Fernandes, campeã mundial em 2007.

Ricardo Batista também encerrou o Mundial com uma prestação de relevo. O olímpico entrou na Grande Final em terceiro, pressionado pelo brasileiro Miguel Hidalgo e pelo francês Dorian Coninx, mas o quarto lugar em Pontevedra permitiu-lhe conservar a posição no pódio da geral. Esteve no grupo da frente durante grande parte da corrida, mas perdeu algum terreno na última volta da corrida a pé.

Portugal fora das decisões no Mundial ganho por McNulty

CICLISMO O norte-americano atacou a 32 quilómetros da meta e resistiu sozinho até ao fim em Montreal, dando aos Estados Unidos o primeiro título mundial de estrada desde Lance Armstrong, em 1993. Michael Matthews e Mathieu van der Poel completaram o pódio.

TEXTO CECÍLIA CARMO



Equipa portuguesa ficou aquém do esperado

Portugal não conseguiu colocar qualquer corredor na luta pelas medalhas na prova de fundo de elite masculina dos Campeonatos do Mundo de ciclismo de estrada, disputada este domingo em Montreal, no Canadá. A corrida terminou com a vitória surpreendente do norte-americano Brandon McNulty, que atacou a 32 quilómetros da meta, aproveitou a falta de entendimento entre os favoritos e sustentou uma fuga solitária até à linha de chegada.

McNulty devolveu os Estados Unidos ao título mundial de estrada 33 anos depois da vitória de Lance Armstrong, em 1993. Aos 28 anos, o corredor da UAE Team Emirates-XRG assinou o maior triunfo da carreira numa corrida de 273,2 quilómetros, marcada

O resultado português fica abaixo das expectativas, sobretudo tendo em conta o momento de forma de Eulálio e a qualidade dos corredores escolhidos para uma prova onde Portugal tinha condições para procurar uma presença mais relevante.

por um ritmo muito elevado, sucessivos ataques e pela dureza das doze passagens pelo circuito do Mont-Royal.

O australiano Michael Matthews foi segundo, vencendo o *sprint* do grupo perseguidor, e Mathieu van der Poel, dos Países Baixos, fechou o pódio. Quinn Simmons, também dos Estados Unidos, terminou em quarto, enquanto o mexicano Isaac del Toro, apontado como um dos grandes candidatos ao arco-íris, foi quinto.

A Seleção Nacional apresentou-se com João Almeida, Afonso Eulálio, António Morgado, Ivo Oliveira, Nelson Oliveira e Tiago Antunes, mas acabou afastada das decisões de uma corrida que rapidamente se tornou seletiva. O resultado português fica abaixo das expectativas, sobretudo

tendo em conta o momento de forma de Eulálio e a qualidade dos corredores escolhidos para uma prova onde Portugal tinha condições para procurar uma presença mais relevante.

Afonso Eulálio chegava a Montreal depois de ter sido nono no Mundial de Kigali, em 2025, e de ter repetido essa posição no Grande Prémio de Montreal, há duas semanas, numa corrida disputada em estradas muito semelhantes às do Campeonato do Mundo. João Almeida era outro dos nomes capazes de assumir responsabilidade, apesar de uma época condicionada por problemas físicos, enquanto António Morgado chegava como campeão nacional e uma das figuras emergentes do ciclismo português.

Sem Tadej Pogacar, bicampeão mundial ausente após a queda sofrida na Volta a Espanha, a corrida ficou sem uma referência dominante. Remco Evenepoel, Mathieu van der Poel, Wout van Aert, Tom Pidcock, Primož Roglic, Del Toro, Paul Seixas, Ben Healy e Giulio Ciccone passaram por diferentes momentos de protagonismo, mas nenhum conseguiu encontrar a combinação certa entre força e entendimento tático para neutralizar McNulty.

A fase decisiva começou a de-

senhar-se a cerca de 90 quilómetros do fim, quando os ataques se sucederam nas subidas do Mont-Royal. Van der Poel, Roglic, Simmons e Oscar Onley chegaram a integrar um grupo adiantado, mas a corrida voltou a reorganizar-se nas voltas finais. A partir daí, os Estados Unidos tiraram partido da profundidade da sua equipa, com Simmons e Matteo Jorgenson a condicionarem a perseguição.

McNulty atacou quando os rivais esperavam que Del Toro, seu colega na UAE Team Emirates-XRG, assumisse a perseguição. O norte-americano conseguiu abrir espaço e, mesmo quando Pidcock, Van der Poel e outros perseguidores aceleraram, conservou uma vantagem suficiente para entrar isolado no último quilómetro.

Na chegada, McNulty teve tempo para olhar para trás e celebrar uma vitória que parecia improvável no início do dia. O corredor norte-americano já conhecia bem as estradas canadianas: vencera o Grande Prémio de Montreal em 2025 e fora terceiro na edição deste ano.

O triunfo encerra uma semana de Mundiais com vários resultados de relevo. No contrarrelógio masculino, Remco Evenepoel alcançou o quarto título mundial consecutivo, confirmando a supremacia na especialidade. Nelson Oliveira e Ivo Oliveira foram 20.º e 21.º, respetivamente, ambos a pouco mais de 20 segundos do top-10.

Nos escalões jovens, o melhor resultado português pertenceu a Daniel Moreira, 14.º na prova de fundo de sub-23, a 1m19s do norte-americano Ashlin Barry. Rafael Barbas foi 41.º e Daniel Lima 44.º. Marta Esteves terminou a corrida de juniores femininas no 50.º lugar.



Ana Maria da Silva Allen
1955 – 2026

Filha única de:
Carlos Sequeira Pedroso da Silva e
Dália Tavares Machado da Silva,
faleceu subitamente a 28 de agosto de
2026 aos 70 anos.

PUB



Ramos ainda marcou o terceiro, mas não valeu.

Gonçalo Ramos devolve vantagem a Portugal em noite de resistência

LIGA DAS NAÇÕES Seleção de Jorge Jesus venceu a Noruega por 2-1, com golos de João Félix e Gonçalo Ramos, num encontro de grande exigência em que Diogo Costa foi decisivo perante a pressão de Haaland e companhia.

TEXTO CECÍLIA CARMO

Portugal venceu este domingo a Noruega, por 2-1, em Oslo, na Liga das Nações, num jogo em que teve momentos de qualidade com bola, mas também precisou de sofrer para segurar uma vantagem construída por João Félix e reposta por Gonçalo Ramos, depois do empate de Erling Haaland. A seleção de Jorge Jesus saiu da capital norueguesa com um triunfo importante, mas com a certeza de que a equipa teve de se apoiar muitas vezes na segurança de Diogo Costa e na capacidade de resistência do seu bloco defensivo.

A seleção nacional entrou organizada num 4x2x3x1, com João Palhinha e João Neves a darem equilíbrio ao meio-campo, Francisco Conceição e Pedro Neto nas alas e João Félix a surgir por den-

tro, atrás de Gonçalo Ramos. A Noruega teve mais bola nos primeiros minutos e encontrou espaços para ameaçar, sobretudo através de Nusa, Ødegaard e Haaland.

Portugal não se deixou encolher. Depois de João Neves ter cabeceado por cima, aos 12 minutos, a equipa portuguesa abriu o marcador aos 17. Nuno Mendes acelerou pela esquerda, Pedro Neto recebeu e cruzou atrasado para João Félix, que controlou à entrada da área e colocou a bola longe do alcance de Nyland. O avançado voltou a marcar, depois de também ter sido decisivo diante do País de Gales, confirmando a influência crescente neste arranque de ciclo com Jorge Jesus.

O golo não retirou iniciativa à Noruega. Haaland voltou a testar



João Félix foi um dos jogadores em grande destaque na Noruega.

O triunfo vale pela capacidade de sofrimento, mas também deixa sinais claros para corrigir: Portugal permitiu demasiadas aproximações à sua baliza e raramente conseguiu controlar o jogo depois de se colocar em vantagem.

Diogo Costa, que respondeu a um cabeceamento forte aos 35 minutos, e a formação da casa criou sucessivas situações de perigo através de cruzamentos e bolas paradas. Rúben Dias foi decisivo num corte perante Haaland, enquanto a seleção portuguesa revelou dificuldades para controlar a segunda bola e sair da pressão nórdica. Ao intervalo, Portugal venceu, mas os 14 remates da Noruega contra seis dos portugueses explicavam bem o desconforto vivido pela equipa das quinas.

A segunda parte trouxe o empate aos 51 minutos. João Palhinha travou Ryerson à entrada da área, viu cartão amarelo e, na sequência do livre, Ødegaard rematou, Diogo Costa defendeu para a frente e Haaland apareceu na recarga para fazer o 1-1.

A resposta foi rápida e teve um protagonista improvável: Nyland. Aos 54 minutos, o guarda-redes norueguês entregou a bola a Gonçalo Ramos e o avançado português aproveitou o presente com um chapéu perfeito, recolocando Portugal na frente. Pouco depois, Ramos ainda introduziu a bola na baliza para o que seria o 3-1, mas o VAR anulou o lance por fora de jogo.

Jorge Jesus refrescou a equipa com as entradas de Rafael Leão, Vitinha, Rúben Neves, Trincão e Bernardo Silva, procurando dar maior capacidade de retenção de bola e ameaça no ataque. Ainda assim, a Noruega continuou a carregar.

A seleção foi pragmática e encontrou em João Félix, Gonçalo Ramos e Diogo Costa as figuras de uma vitória de peso na Liga das Nações.



NOVA
EDIÇÃO

JÁ NAS BANCAS
À TUA ESPERA!



Men'sHealth

COM OS HOMENS DE HOJE,
PELOS HOMENS DE AMANHÃ

Iolanda lança 'Quebranto': menos eletrônica e mais tradição

TEXTO CARLA ALVES RIBEIRO

Começamos pela palavra “quebranto”. “O mau-olhado é aquilo que nos é lançado. O quebranto é aquilo que nós sentimos depois de o mau-olhado ser lançado. Reza assim a lenda”, explica Iolanda sobre o título do seu primeiro LP. É a partir desta ideia que se define o tom que atravessa as 13 canções do álbum que será lançado a 8 de outubro, e que inclui três músicas já editadas em *single*: *Olha P'ra Ela*, *Responso* e *Noite Inteira*.

A tradição e o mundo rural interessam a Iolanda e este novo projeto envolveu alguma pesquisa. “A minha mãe sempre me falou destas mezinhas e destas rezas. Não que ela as fizesse, mas ela adorava este universo. E eu pensei: isto é realmente uma coisa que vivi toda a minha vida e que nunca percebi muito bem porquê. Comecei a apaixonar-me pelo conceito e, quando dei por mim, já estava dentro de um mundo de mezinhas meio mágico. Portugal, sendo ainda um país bastante rural, permitiu-me viver isto bastante de perto. Mas, durante esta pesquisa, percebi que também nas cidades há muita gente que mantém estas tradições.”

A tradição, diz a compositora e cantora que venceu o Festival da Canção em 2024 com *Grito*, canção que lhe valeu o décimo lugar na final da Eurovisão, está em *Quebranto* de variadas formas. Iolanda lembra que cresceu em Biqueiras, uma aldeia do concelho de Pombal. E, assim como numa aldeia o espírito



MÚSICA

Novo trabalho de Iolanda é lançado no próximo dia 8 de outubro. Produzido por Luar, a escrita foi um processo colaborativo que juntou artistas como Xtinto, Extrazen, Carolina Deslandes, Milhanas ou Latte. Artista atua no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, no dia 7 de dezembro.

comunitário está mais presente, as canções do LP nasceram de um processo colaborativo. “Este disco é feito com muita gente e principalmente amigos. Ou seja, tive muito poucas pessoas que eu contratei para vir trabalhar para o disco. Foi uma coisa muito natural que eu acho que também se vive muito nos ambientes mais pequenos. Esta partilha, esta coisa de comunidade, eu quis transmitir isso no disco na forma como o produzimos. Fui ter com muita gente da zona de Ourém, que é perto de onde eu sou. Estamos todos aqui em Lisboa a trabalhar, mas não somos daqui. Como os Napa diziam, sentimo-nos todos um bocado deslocados. Acabámos por ir trabalhar para fora de Lisboa em sítios como Ourém, Caixarias, houve um *writing camp* que fizemos aqui em Lisboa, mas trabalhei muito naquela zona centro do país que vive muito estas pequenas tradições”, revela Iolanda.

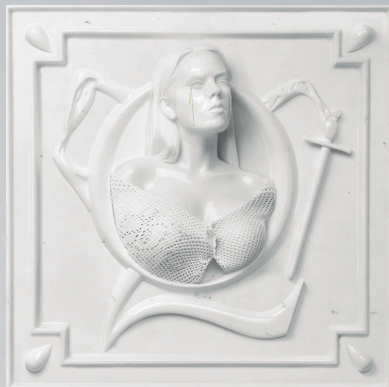
Há neste álbum “uma certa necessidade de voltar a casa”, sublinha a artista, e uma das canções – *Tão Bonita* – até conta com o contributo da família. “Participa o meu pai, a minha mãe, a minha irmã e a minha avó. É a única canção que não escrevi. Foi o meu baixista que me ofereceu”.

Produzido por Luar, colaboraram com Iolanda na escrita deste álbum artistas como Xtinto, Extrazen, Carolina Deslandes, Milhanas, Latte, ou Matheus Parraizo.

A tradição manifesta-se igualmente na sonoridade do álbum, como se ouve, por exemplo, em *Olha P’ra Ela*, que cruza funk e chula portuguesa, género musical tradicional do Norte do país, de ritmo marcado e dançável.

“Na sonoridade do disco, utilizámos um instrumento chamado braguesa, um dos cordofones tradicionais portugueses, que tem a particularidade de ser muito semelhante à guitarra portuguesa e ao cavaquinho. Há uma mistura de dois universos no álbum, porque o fado é muito da cidade – e nós damos lá uma perninha –, mas também temos esta sensação mais bucólica destas guitarras”, diz Iolanda.

A viola braguesa é um instrumento difícil de afinar, diz a artista, mas para ela tem a sonoridade ideal. “Se estamos a trabalhar nesse Portugal mais bucólico, porque não trazer esses instru-



A capa de *Quebranto*, uma edição independente de Iolanda com distribuição da Altafonte.

mentos que vêm de sítios mais recônditos, como as serras, o interior do país. Sempre senti essa necessidade de transmitir essas sonoridades, e estes instrumentos foram perfeitos”.

Iolanda recorda que, em miúda, tocava num grupo de cavaquinhos e que a curiosidade pelos instrumentos tradicionais se mantém. E, apesar de tocar cavaquinho nessa altura, o que ela queria era bater no bombo, revela. Agora, mandou fazer um bombo tradicional em Lavacinhos. “Quería mesmo ir ao lugar onde são feitos e falar com as pessoas. Quero fazer essa pesquisa, porque acho que faz parte do processo”.

Mas voltando ao fado, há um em *Quebranto*. “Decidi gravar um fado, *Maldição*, é o Fado Cravo de Alfredo Duarte. Sempre quis cantar fado. Não sou fadista, mas acho que há uma alma fadista em cada português. Desde menina que me emociono muito a ouvir fado e queria dar, de alguma forma, o meu contributo. Foi assim que gravámos o Fado Cravo, com a letra de *Maldição*, que encaixava perfeitamente na narrativa do disco”.

Iolanda descreve o seu primeiro LP como de género “tradicional pop”. O disco também tem eletrónica, “mas muito menos do que eu achava que íamos ter”, sublinha a artista. “Nos primeiros trabalhos tivemos muito mais eletrónica do que temos neste. Este foi um disco muito orgânico, gravámos muitas percussões, há uma música que tem cadeira, alguém ‘tocou’ cadeira, que é uma coisa que eu não julgava possível...”

Quebranto surge após dois EPs, *Cura* (2023) e *Olha P’ra Baixo* (2024) e Iolanda considera que

este primeiro LP, que sempre foi um objetivo dela, vem no momento certo. “O segundo EP que eu lanço é logo a seguir à Eurovisão, ou seja, foi muito rápido. Não houve tempo para parar, para absorver aquilo que se viveu, não houve tempo para escrever uma coisa de raiz, que era o que eu queria. Eu precisava de tempo e queria fazer um álbum ‘à séria’, quase como uma tese. Sempre fui muito obcecada”.

Considera que *Quebranto* é o trabalho mais “coeso” que produziu até agora. “Estou muito feliz, as pessoas têm-me dito que sentem essa coesão, eu acho que isso é o melhor elogio que eu podia pedir”.

O álbum foi gravado em vários locais, sendo que as vozes saíram todas do Estúdio Zeco, de João Só. Trata-se de uma edição independente de Iolanda, tal como os seus EPs. “Eu trabalho com uma equipa inacreditável com a qual tenho construído uma família e, na verdade, acho que foi uma opção do momento. Cada vez mais vivemos numa era em que é importante protegermos aquilo que é nosso, sobretudo com o crescimento da inteligência artificial. Gosto de saber que, neste caso, os meus *masters* são meus. E, como este primeiro disco era muito especial para mim, uma coisa muito minha, muito pessoal, não me fazia sentido pôr terceiros ao barulho. Mas depois os *masters* acabam por não ser só meus, não é? São de toda a gente que escreve.”

Asua música, diz, é ouvida em países, como Alemanha, França e Espanha e a participação na Eurovisão terá contribuído para ganhar ouvintes internacionais. “Enos Estados Unidos, estranhamente. Eu gostava de perceber

“Na sonoridade do disco, utilizámos um instrumento chamado braguesa, um dos cordofones tradicionais portugueses, que tem a particularidade de ser muito semelhante à guitarra portuguesa e ao cavaquinho.”

“Nos primeiros trabalhos tivemos muito mais eletrónica do que temos neste. Este foi um disco muito orgânico, gravámos muitas percussões, há uma música que tem cadeira, alguém ‘tocou’ cadeira, que é uma coisa que eu não julgava possível...”

“Sempre quis cantar fado. Não sou fadista, mas acho que há uma alma fadista em cada português. Desde menina que me emociono muito a ouvir fado e queria dar, de alguma forma, o meu contributo.”

onde, porque acredito que seja muito nas comunidades portuguesas. Gostava de saber quem são as pessoas”.

Para a cantora e compositora que nasceu na Figueira da Foz, cresceu em Pombal e vive em Lisboa há cerca de 15 anos, seria “um sonho ir lá para fora tocar, não só para as comunidades portuguesas, mas levar a música portuguesa também mais longe e, principalmente, levar estas sonoridades que são mais do interior do país, que nem sempre têm tanto lugar à mesa”.

Iolanda ambiciona, pois, fazer concertos noutros países, apesar de não gostar de andar de avião. “Nós, em Portugal, tendemos a pensar pequenino, por alguma razão. Não sei se é porque somos efetivamente pequeninos, aqui à beira-mar plantados. Mas penso nisto porque a forma como nós cantamos as palavras não há igual em lado nenhum. A Deslandes diz isso: temos a língua mais bonita para cantar o amor.”

Iolanda assume-se como “artista-performer”, até porque antes de começar a escrever canções andou dez anos a atuar em bares a cantar músicas de outros autores. “Quando tenho concertos, quando estou mais ao vivo, sinto-me sem dúvida uma artista-performer. Saio da minha condição de escritora de canções. Acho que entro nesse mundo de escritora de canções quando estou no estúdio, a trabalhar com os meus colegas, com os meus amigos. Mas, se tiver alguém a escrever para mim, entro facilmente nesse modo *performer*, porque preciso de perceber se faz sentido”. Admite que hoje gosta mais de cantar do que de escrever. “Gosto de escrever com outras pessoas. Não sei como será o próximo disco, mas neste foi uma grande ajuda a ter mais pessoas”.

Nesta altura, todas as atenções da artista estão centradas no lançamento do disco e na preparação do concerto no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, marcado para 7 de dezembro – “sinto-me uma verdadeira CEO”. No espetáculo, que terá um palco em formato 360º, com o público à sua volta, serão interpretados maioritariamente temas do novo álbum, “mas também quero tocar as canções que me trouxeram até aqui, que me permitiram estar neste sítio”, diz Iolanda.

LIVROS DA SEMANA

A constelação de contos de José Mário Silva

Tem privilegiado a poesia nas últimas décadas e guardado na gaveta os textos de um género literário que considera dos mais inovadores. *O Caderno Proibido* revela a marca do contista.

TEXTO JOÃO CÉU E SILVA

Há quase vinte anos que José Mário Silva não publicava ficção, situação que alterou há poucos dias com a chegada às livrarias de *O Caderno Proibido*, uma centena e meia de páginas com 28 contos, o género literário que mais pratica além da poesia. Uma ausência de publicação que tem muito a ver com o exercício da crítica literária, mesmo que ao ler livros de certos autores sintam vontade de escrever mais. Designadamente no caso de autores que se dedicam ao conto, como explica: “Quando leio determinados autores que escrevem contos fico com bastante vontade de o fazer também. No entanto, o contacto permanente com grandes escritores, que por vezes publicam livros extraordinários, impede-me também de os escrever porque fica a pergunta: será que vale a pena acrescentar qualquer coisa escrita por mim?”

Essa tomada de consciência não faz com que José Mário Silva desista: “Ao longo dos anos, vou escrevendo muito espaçadamente e nunca deixei de o fazer. Há períodos longos em que não escrevo nada, depois há períodos de hiperatividade, contudo considero que muitos escritores se diminuem por publicarem demais. Vejo uma certa ansiedade em publicar o que escreveram em vez de deixarem os textos à espera da altura certa para serem publicados.” No seu caso, revela que muitos dos seus contos “nunca verão a luz do dia”, embora “tenha guardados alguns que foram importantes no momento da escrita”.

O que faz ao conto o deixar passar o tempo? José Mário Silva não se preocupa se o correr dos anos mostrou que o conto não era assim tão valioso: “Creio que há uma vantagem em esperar dez anos e ver se ainda se justifica. Muitos textos perdem o sentido, outros sobressaem apesar de an-



O CADERNO PROIBIDO
José Mário Silva
Parsifal
159 páginas

Apresentação
dia 30, 18h30,
na Biblioteca
Camões em
Lisboa, por
Patrícia Portela



José Mário Silva publica 28 novos contos.

tes não se dar muito por eles porque entretanto o mundo mudou e passam a ter outro valor e significado.” Foi o que aconteceu com alguns dos contos incluídos neste livro? Responde: “Eu não tenho grande ambição como escritor e não quero estar sempre a publicar. O vagar e a lentidão, a ausência de pressão que ponho em mim mesmo, faz com que tenham passado quase duas décadas sem publicar ficção e mesmo assim estar tranquilo. Aliás, é-me indiferente se o livro tem sucesso ou não. Claro que gostaria que chegasse a muitos leitores e que eles gostassem do livro, mas se isso não acontecer também não será um problema.”

Foi a pressão do editor Marcelo Teixeira que fez o contista voltar às livrarias: “Não escrevi os contos agora reunidos em *O Caderno Proibido* a pensar num livro. Foram escritos em circunstâncias muito diferentes, daí que também o seu registo seja muito diverso. Questionei-me se fariam sentido juntar num único livro, no entanto acabei por descobrir que existia um fio condutor. Aliás, foi um processo curioso porque eu sou muito lento a escrever mas a preparação do livro foi muito rápida, mesmo que lá estejam contos com quase três décadas e outros escritos nas últimas duas. Ao reler os contos vi que eram todos muito diferentes uns dos outros, o que faz com que o leitor não se aperceba de um estilo dominante no livro. Esse efeito surpresa permanente para o leitor resulta também de existir mais pontos de contacto entre os contos do que imaginava, fazendo com que se note uma marca de autor, um

tom e um timbre, que se mantém mesmo quando os registos são muito diferentes. É preciso ver que, para o bem e para o mal, são contos que escrevi sem expectativa de publicar, apenas para o meu prazer e para explorar até onde se pode ir num conto.”

Questiona-se se está cada vez mais ultrapassada a velha opinião das editoras nacionais de que o conto é uma “literatura menor”. José Mário Silva nega: “Alguns dos autores que mais admiro e gosto de ler são autores de contos, como Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares, Cortázar, Silvina Ocampo, Lydia Davis e George Saunders. Aliás, a vanguarda da experimentação literária está em muito no conto, o que se pode observar na epígrafe que escolhi, um conto de uma única frase da Lydia Davis. Até pode ser meia página! Acho que é mais desafiante escrever um bom conto e, talvez mais difícil, do que um romance. O romance permite tudo e há vários absolutamente extraordinários e muito inovadores, no entanto é no conto o registo em que me sinto mais confortável. Não quer dizer que não venha a escrever um romance, até porque tenho vontade, mas a minha mão está feita para textos mais curtos.”

Uma das particularidades desta reunião de contos é a existência de textos em que se exaltam figuras distantes dos holofotes, como é o caso de desportistas regionais. O autor explica: “Num dos casos é uma paródia ao estilo dos jornais regionais que tem a ver com a minha experiência como jornalista, um setor que, tal como nos restantes jornais impressos, está em crise e em vias de extinção. Esse conto também tem a ver com o prazer de inventar uma vila alentejana e querer abordar temáticas que normalmente a literatura portuguesa não aborda, nomeadamente o desporto. Há muito pouco desporto na literatura portuguesa, quando o desporto tem uma presença muito forte na vida pública. É uma situação bizarra não existir um grande romance português em que o futebol esteja presente, enquanto, por exemplo, está no romance *Submundo* de Don DeLillo ao longo de meia centena de páginas a descrição de um jogo de baseball. Talvez tenha a ver com uma certa altivez que o mundo da cultura português tem em relação ao desporto, situação que não faz sentido. Ou seja, à minha maneira, quis trazer o desporto como matéria literária neste livro.”

● LANÇAMENTOS



O AFRICANO
J.M.G. Le Clezio
Gradiva
88 páginas

A LITERATURA NOBEL

A Gradiva vai iniciar uma nova coleção, Prémio Nobel da Literatura, em que se alinham dois primeiros livros importantes: o nunca traduzido para português, *O Africano* de J.M.G. Le Clezio, que conta as recordações da infância do escritor sobre África, tendo como pano de fundo as suas memórias e a presença colonial britânica ao retratar o pai médico, reunindo num único texto as evocações de anos longínquos e da relação paternal e familiar. Uma “pintura” literária com que muitos leitores portugueses terão a ver devido à nossa Guerra Colonial.



O MURO
Jean-Paul Sartre
Gradiva
208 páginas

O segundo volume da coleção que já chegou às livrarias é uma reunião de cinco textos de Jean-Paul Sartre no livro *O Muro*. Datadas de 1939, em todos existe o questionamento sobre as grandes questões do existencialismo que iria ser promovido e estudado pelo filósofo, como é o caso da liberdade e da responsabilidade, situações que estão bem representadas no texto que dá título ao livro, sobre o dilema de um republicano espanhol continuar fiel aos princípios ou salvar a vida perante um pelotão de fuzilamento franquista. O quinto tem a particularidade de juntar três textos de 1936 e os restantes de 1938, espelhando a crise dos valores europeus perante uma segunda guerra mundial em aproximação. A coleção continuará com romances de Kazuo Ishiguro e John Steinbeck, entre outros.



Direto à leitura António Carlos Cortez

Para além da música: Jorge Palma

Entre as letras de um lado errado da noite e as palavras íntimas de um eu que, no fim, exaltou a vida num álbum de título homónimo, Jorge Palma cantou e denunciou o clima concentracionário das cidades, ou dos sistemas totalitários. Liberdade, amor e poesia, a trindade surrealista, essa foi a sua trindade.

Em 1985, no álbum *O Lado Errado da Noite*, essa razão de Estado é um animal perigoso, um regime policial:

*“Eu vigio os teu passos
Com toda a discrição
Vejo o que fazes
És o objecto principal
da minha atenção
Eu sou o intruso
Que a todo o momento
Controla o teu
pensamento
Sou a razão de Estado
Tenho o teu processo arquivado
Sou a razão de Estado
posso fazer-te passar um mau bocado”.*

Creio que esse horizonte de resistência nunca se dissipou na visão interventiva de um compositor que não foi só um cantautor.

Não há, na verdade, um Jorge Palma, mas vários. Aquele que canta a asfixia quotidiana e aquele que canta a terna música.

“Encosta-te a mim / nós já vivemos cem mil anos / Encosta-te a mim / talvez eu esteja a exagerar / Dá cabo dos teus desenganos / não queiras ver quem eu não sou / Deixa-me chegar // Chegando da guerra / fiz tudo para sobreviver / em nome da terra / No fundo, para te merecer”, recordando a Guerra Colonial. Há também aquele que, dum modo sábio deu a ver a outra face da própria condição humana, atento às tensões e aos desejos entre os amantes. Em *Encosta-te a mim* há também uma sábia modulação rítmica, subtis efeitos de rima, uma forma, se se quiser, de o letrista dispor no texto palavras que, por associação de sons ou por relações de semelhança de sentido, conferem enorme densidade poética ao mundo musical

do autor de *Frágil* e de que a canção de 2007 é um momento altíssimo.

Esse mundo vive de imagens nucleares em torno das quais a música (o piano no seu caudal melancólico) é outra voz, dado que as escalas, as harmonias, certas repetições melódicas ao piano como que dão corpo ainda mais grave à voz quente de Jorge Palma. Chamo a atenção para a combinação entre a letra da música de *O Lado Errado da Noite* e a instrumentação aí patente. No exacto momento em que se refere Jonas e o fim da relação deste com a namorada “que lhe deu com os pés / pelo telefone” irrompe o solo - em pano de fundo - do saxofone de Jonas, tocando até ao fim dessa música onde se fala da história de Amélia, a rapariga que, em Lisboa, abandonados os sonhos de infância na província onde foi abusada pelo pai e pelo patrão de “uma maldita fundição”, entregará o corpo a

esse Tóni, o que tinha todas as qualidades para ser rei da noite urbana onde corpos de vendem e compram. É o saxofone o fio doloroso que corre subterraneamente até ao desfecho e empresta o tom deceptivo a esse belíssimo texto todo realismo e funda análise da vida.

Jorge Palma, compositor de enorme talento, com formação em piano clássico, não é, portanto, mais um compositor. Há na sua sensível atenção às palavras e à sua densidade, qualquer coisa que encontramos em raros músicos que fizeram a ponte entre a música e a poesia. Leonard Cohen, e Jacques Brel, também Nick Cave e Tom Waits, Chico Buarque, Bob Dylan, ou Jim Morrison. Mas ouvindo de Palma, evoco sobretudo Serge Gainsbourg, porque, com laivos de Rimbaud, Jorge Palma igualmente soube cruzar cultura popular e cultura erudita. Um certo ar *blasé* era mais que pose, era uma verdade vinda de uma forma pessoal de enfrentar os dias e as noites através de uma escrita cuja sensibilidade rítmica - um jeito de o coração bater, de os pulmões respirarem a existência - esteve sempre do lado *gauche* da arte.

Não é só, porém, de simples marginalidade que devemos falar. Jorge Palma, sabendo-se à margem, foi marginal também por outro lado raro: dialogando com a literatura portuguesa, com ligação directa a um. Luiz Pacheco, por exemplo, a sua expressão poética foi uma forma de falar fraternalmente com os seus companheiros de música. Um estender de mão a toda a gente da cultura, como prova essa conversa que teve com Eduardo

Lourenço depois de um concerto em Paris, vestia o músico uma *T-shirt* com a frase de Rimbaud, “*Par délicatesse j’ai perdu ma vie*”. Cantar delicadamente e de forma voraz, não foi também essa uma estrada percorrida pelo cantor que pediu há meses a reinvenção de Abril?

O caso de Jorge Palma é na nossa história musical, singular, ímpar porque, por fim, a sua música, no limite, não é essencial à sua linguagem. Letras que vêm das ruas e se misturam com alusões cultas, as palavras sobrevivem quando lidas em voz alta. Muitas das suas letras serão poemas por isso mesmo: lêem-se e resistem à ausência do piano. Uma observação, no entanto: a força poética das letras ainda se eleva a outros patamares de beleza por causa das mágicas melodias que Jorge Palma construiu. Ora devedoras de uma raiva por nunca se cumprir o sonho, ora fruto de estados de espírito onde adivinhámos certa resignação, certo fado lusíada, Palma foi um dos mais acabados intérpretes de um modo urbano e português de existir, arrastando para a nossa tristeza contentinha uma raiva que lhe veio do Maio de 68, desses anos 60 e 70, era das últimas utopias. Dispondo a seu favor “da eloquência do amor”, ali mesmo à mão de semear por via de experiências-limite, o cantor de *Estroina* encarnou bem um certo espírito imediatamente pós-Abril que quis deixar de ser esse reino perdido, o de António Nobre (1867-1900), à esquina do planeta, reino de ambições frustradas.

Filho de uma revolução desiludida, de todos esses que nasceram para a revolução/evolução musical operada depois das canções de resistência de uma outra geração, a nascida vinte anos antes (Zeca, desde logo), Jorge Palma foi o mais original da sua geração porque somou ao risco poético de escolher estar à margem, exercendo uma rebeldia só sua, o rigor da construção tensa, criativa, evidente naquele que é para mim o seu poema maior: *Estrela do Mar* (“Numa noite em que o céu tinha um brilho mais forte / e em que o sono parecia disposto a não vir / fui estender-me na praia sozinho ao relento / e ali longe do tempo / acabei por dormir”). Versos, imagens que, se vímos bem, revelam a irradiação de um poder poético: as palavras numa conjugação perfeita com uma voz merecória, e que diz: “Não sei se era maior o desejo ou o espanto / mas sem que por instantes deixei de pensar / Uma chama invisível incendiou-me o peito [...]”. No fundo, um trovador. O último trovador rebelde. Poeta? Sim, se por poeta entendermos essa capacidade de não deixar de sonhar uma Abissínia possível. A sua Abissínia.



“

O caso de Jorge Palma é na nossa história musical, singular, ímpar porque, por fim, a sua música, no limite, não é essencial à sua linguagem.

Professor, poeta e crítico literário
Escreve sem aplicação do Acordo Ortográfico.

São Tomé. Urnas fecham. CPLP destaca ambiente calmo

As assembleias de voto em São Tomé e Príncipe encerraram ontem pelas 17:00 (18:00 em Lisboa), com a missão de observadores da CPLP a destacar o ambiente calmo vivido nas eleições legislativas, locais e regional. Para as legislativas estão em disputa 55 assentos da Assembleia Nacional e estão inscritos mais de 146 mil eleitores, um aumento de quase quatro mil em relação às presidenciais de 19 de julho, quando foi reeleito Carlos Vila Nova, à primeira volta.



EP/ESTELA SILVA

Carneiro acusa Governo de “liberalizar desalojamento”

HABITAÇÃO Secretário-geral do PS lança a suspeita de que Executivo enceta um plano “à margem da Assembleia da República.”

O secretário-geral do PS acusou ontem o Governo de querer “liberalizar o desalojamento” à margem do parlamento, considerando “desumanas” medidas previstas no novo regime do arrendamento urbano. Lembrou o que se passou em Espanha, governada pelo socialista Pedro Sánchez e o relato de desalojamento da idosa Maricarmen Abascal, em Madrid, que foi depois noticiado em toda a Europa. Em causa, advogou o PSOE, em Espanha, uma política de facilitação de despejos promovida pelo Partido Popular.

“O Governo está a tentar avançar, à margem da Assembleia da República, com nova legislação relativa ao arrendamento. Trata-se do novo regime de arrendamento urbano, e o que está em causa é a liberalização do desalojamento e a abertura da porta para ser mais fácil desalojar inquilinos”, disse José Luís Carneiro aos jornalistas, du-

rante uma visita às Festas de São Miguel, em Cabeceiras de Basto, distrito de Braga.

Para o secretário-geral do PS a dinamização do arrendamento necessita, primeiro, de oferta de habitação. “Só

Na quarta-feira, quatro dezenas de pessoas participaram numa vigília em frente ao parlamento, para pedir aos partidos que recusem “passar um cheque em branco” ao Governo para facilitar os despejos e o aumento das rendas.

depois é que se pode acompanhar essa maior oferta da habitação com o novo regime de arrendamento”, precisou.

O líder do Partido Socialista defendeu ser “preciso equilibrar o investimento, nomeadamente na reabilitação urbana, que é fundamental, com a salvaguarda de direitos fundamentais.”

Carneiro revelou que recebeu “várias mensagens” de pessoas que vivem nas cidades “com medo”. “Com medo de que possam vir a ser despejadas por falta de condições para acompanhar aquilo que podem vir a ser medidas na lei do arrendamento”, referiu o secretário-geral do PS.

Na quarta-feira, quatro dezenas de pessoas participaram numa vigília em frente ao parlamento, numa “ação simbólica” para pedir aos partidos que recusem “passar um cheque em branco” ao Governo para facilitar os despejos e o aumento das rendas. **DN/LUSA**

BREVES

Morreu o antigo ministro do Trabalho Eusébio Marques de Carvalho

O advogado e antigo ministro do Trabalho Eusébio Marques de Carvalho morreu na madrugada de sábado, aos 91 anos, disse ontem à Lusa fonte familiar. Nascido em 27 de julho de 1935, em Lisboa, Eusébio Marques de Carvalho foi ministro do Trabalho entre 1978 e 1981, nos IV e VI Governos Constitucionais da AD, liderados por Carlos Mota Pinto e por Francisco Sá Carneiro e, após a sua morte, interinamente por Diogo Freitas do Amaral, respetivamente. Foi também ministro da Reforma Administrativa no VII Governo Constitucional, da AD, liderado por Francisco Pinto Balsemão. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa, Eusébio Marques de Carvalho foi ainda membro do Conselho de Gerência da CENTRALCER – Central de Cervejas, E.P. e presidente entre 1984 e 1988. Após retirar-se dos meandros políticos, o advogado, que sempre fez questão de se manter sem qualquer filiação partidária e que chegou a exercer a profissão em Timor-Leste. O funeral será realizado na quarta-feira, no Centro Funerário de Cascais, com chegada ao crematório de Alcabideche pelas 14:00 e a cremação pelas 16:00.

Suíça rejeita tornar mais rígida neutralidade do país

Os suíços rejeitaram ontem por larga maioria uma iniciativa da direita nacionalista para endurecer a neutralidade do país, que impediria a adesão a alianças militares e a adoção de sanções económicas não decididas pela ONU. Segundo a primeira projeção do instituto gfs.bern, 71% dos eleitores rejeitaram a proposta, promovida pela organização soberanista Pro Suisse e apoiada pela União Democrática do Centro (UDC, direita nacionalista). A iniciativa em causa pretendia inscrever na Constituição uma neutralidade reforçada, excluindo qualquer aliança com uma organização militar e impedindo a Suíça de adotar sanções económicas contra outros países, exceto quando decididas pela ONU. A neutralidade suíça, com vários séculos de História e consagrada na Constituição federal desde 1848, tem estado no centro do debate político desde que Berna acompanhou as sanções da União Europeia contra Moscovo após a invasão russa da Ucrânia. A questão ganhou também relevância com o primeiro mandato da Suíça como membro não permanente do Conselho de Segurança da ONU, em 2023 e 2024.



Conselho de Administração Luís Figueiredo de Barbedo Trindade (Presidente), Kevin King Lun Ho, Vitor Manuel Almeida Santos de Menezes e António Manuel Mendes Ferreira
Direção Filipe Alves (Diretor Geral Editorial), Leonídio Paulo Ferreira e Nuno Vinha (Diretores Adjuntos), Cecília Carmo e Margarida Vaqueiro Lopes (Subdiretoras)
Officer Ricardo Ferro **Diretora Jurídica** Rita Cabral **Propriedade** Global Noticias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Sede: Rua Mouzinho da Silveira, 27, 2.º – 1250-166 Lisboa **Redação:** Rua Mouzinho da Silveira, 27, 2.º – 1250-166 Lisboa Tel.: 213876679 **Recursos Humanos** Ricardo Ferro **Controller** António Ribeiro da Cunha **Direção Comercial** Daniel Barata, Pedro de Almeida Lima (Coordenador) **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNU Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP, Registrado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/93 **Assinaturas** 219249999 Dias úteis das 8h às 18h E-mail: apoiocliente@dn.pt



57305

5 605290 023012